Linhas de Histórias

Bordados que guardam memórias

[ORG.]
Ana Gern
Maria Cristina Dias



Linhas de Histórias

Bordados que guardam memórias

[ORG.]
Ana Gern
Maria Cristina Dias

11 Linhas de histórias

13 Saberes, técnicas artesanais e práticas culturais

15 O bordado em Joinville (SC)

30 **Bordado em ponto cruz duplo no tecido xadrez**

58 **Bordado em meio ponto**

102 **Bordado em ponto cheio reto**

144 **Wandschoner**

176 **Bordado Ilha da Madeira**

229 A tradição do bordado nos grupos rurais e comunitários

241 Linhas que contam histórias

Ficha técnica

COORDENAÇÃO GERAL
Ana Gern

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA
Ana Gern
Maria Cristina Dias
Dietlinde Clara Rothert
Terezinha Hoegen

PESQUISA ICONOGRÁFICA
Ana Gern
Maria Cristina Dias

TEXTOS
Dietlinde Clara Rothert
Terezinha Hoegen
Maria Cristina Dias

REDAÇÃO FINAL
Maria Cristina Dias

REVISÃO
Albertina Camilo

CURADORIA TÉCNICA
Michele Laforga

CONSULTORIA TÉCNICA
Leni Maria Zimmermann

FOTOGRAFIA
Gabriel Bazt

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Tina Merz

CONSULTORIA AUDIODESCRIÇÃO
Paulo Suldovski

GESTÃO CULTURAL
Agência Cultural Aquele Trio

GESTÃO DE REDES SOCIAIS
Ana Paula Padilha

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
Anima Comunicação Viva

Linhas de histórias

Acredito firmemente que o bordado seja a linha que conecta as mulheres em todos os séculos da nossa história.

— Lee Albrecht

Um pedaço de tecido, uma agulha, um fio e mãos habilidosas e criativas. Com estes elementos simples, o bordado faz parte da vida das famílias dos mais variados povos desde a antiguidade. Um saber muito vinculado às mulheres, embora não exclusivamente delas, que é passado de mãe para filha através das gerações, e muitas vezes aperfeiçoado com professoras especializadas nesta arte.

Usados para a ornamentação de peças, para trazer um pouco de beleza ao dia a dia, os bordados vão muito além da função estética. Ao longo do tempo, eles se firmaram como uma forma de expressão e de escape das pressões do cotidiano; de socialização, por meio do encontro nos *Kränzchen*, os clubes de crochês, e em grupos de mulheres; de afirmação da identidade de um povo; e de geração de renda e autonomia para muitas mulheres.

Realizado em 2026, o projeto *Linhas de Histórias* tem o objetivo de resgatar e preservar os bordados praticados em Joinville entre o final do século XIX e a

atualidade, reunindo acervos, documentos e relatos de bordadeiras e de pessoas ligadas às memórias dessas práticas.

A partir desse levantamento, foram selecionados cinco bordados representativos dessa tradição: o bordado Ilha da Madeira, o bordado em ponto cheio reto, o bordado em meio ponto, o bordado em ponto cruz duplo no tecido xadrez e o pano bordado *Wandschoner*.

A pesquisa deu origem a uma série de 10 vídeos curtos disponibilizados on-line, no instagram *@linhas-dehistórias*; uma exposição gratuita no Instituto Internacional Juarez Machado; e este catálogo gratuito, em formato digital na plataforma *Issuu.com*, com leitura acessível. O catálogo contextualiza e registra a arte do bordado na região de Joinville, destacando as características dos trabalhos selecionados e um pouco da história das bordadeiras que preservaram estes saberes. Ele busca valorizar e dar visibilidade a uma prática artesanal que permanece viva, reinventando-se no presente sem perder os vínculos com as memórias e tradições que lhe deram origem.

A maneira de criar, fazer e transmitir conhecimentos às novas gerações revela a força e a permanência dessas memórias. Por meio das entrevistas orais, as vivências das entrevistadas (a maioria idosas), muitas vezes guardadas no silêncio e no tempo, puderam aflorar – e suas práticas puderam ser resgatadas e valorizadas.

Ao revisitar essas experiências, despertamos emoções, fortalecemos vínculos e abrimos caminhos para que esses conhecimentos continuem vivos e encontrem novas gerações, preservando um legado.

Saberes, técnicas artesanais e práticas culturais

O estabelecimento da Colônia Dona Francisca, a partir de março de 1851, marca o início da colonização no norte de Santa Catarina. Criada pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo, a colônia era um empreendimento imobiliário privado realizado nas terras dotais dos príncipes de Joinville, que contava com o incentivo do governo Imperial brasileiro e deu origem à cidade de Joinville. Ao longo de 50 anos, cerca de 17 mil imigrantes de origem europeia estabeleceram-se no local, construindo as bases econômica, social e cultural para que a cidade chegasse ao século XXI como a principal economia do Estado e a maior em número de habitantes.

Estes primeiros imigrantes europeus (que posteriormente também se estabeleceram nos arredores) trouxeram não apenas seus pertences pessoais, mas também saberes, técnicas artesanais e práticas cul-

turais que passaram a integrar o cotidiano das comunidades que se formavam.

Entre esses conhecimentos, os trabalhos manuais como o tricô, o crochê e os bordados ocuparam um lugar especial, principalmente entre as mulheres, tornando-se uma importante forma de expressão, de convivência e, para muitas famílias, também uma fonte de renda.

Segundo Giralda Seyferth, em seu livro *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*, os imigrantes alemães preservaram práticas e formas de organização social associadas à sua origem europeia, aspecto que também se relacionou à manutenção de atividades artesanais nas colônias.

Observar esses elementos é também reconhecer a diversidade de saberes que atravessaram gerações e compreender como cada comunidade, família e bordadeira contribuíram para construir uma maneira singular de bordar e de preservar sua história.

As técnicas e os pontos apresentados neste catálogo não são exclusivos de Joinville. Suas origens remontam a diferentes tempos e lugares e foram sendo transformadas ao longo de gerações, pelas mãos de mulheres que, com suas histórias, experiências e vivências, imprimiram características próprias a cada fazer.

Eles também não são os únicos praticados na região. Bordados como o ponto cruz, bainhas abertas e tapeçarias, entre outros, também eram (e são) frequentes.

Todos eles, entretanto, têm uma característica em comum: com o tempo deixaram de ser apenas uma técnica e passaram a carregar memórias, afetos e referências culturais, revelando muito sobre quem borda e sobre o contexto em que cada peça foi produzida. São aspectos evidenciados na escolha das cores, nos motivos representados, nos pontos utilizados, nos materiais e até mesmo na finalidade do bordado, como veremos mais adiante.

O bordado em Joinville (SC)

Embora à primeira vista o bordado possa parecer uma atividade individual, ele também traz em si uma forte tradição coletiva. Em Joinville e nas cidades oriundas de colônias alemãs, especialmente, a prática do bordado está inserida em um contexto de sociabilidade.

Comuns no século XIX e ao longo do século XX, os *Kränzchen* são grupos de senhoras que se reúnem para um café (o lanche), e onde podem conversar sobre os mais diversos assuntos, enquanto fazem seus trabalhos manuais. Estes grupos de amigas começam a se formar na adolescência e muitas vezes perduram por décadas, perpassando a vida de casada, a maturidade e a velhice. Há relatos de

grupos com mais de 60 ou 70 anos de atividades. No século XXI, eles continuam a ocorrer, embora adaptados aos novos tempos.

Um *Kränzchen* tradicional que remonta a meados do século XX é o das moças e senhoras das famílias Trinks, Lepper e Wetzel, entrelaçadas entre si por sucessivos casamentos. Ainda hoje, 2026, as "primas Wetzel", um grupo de cinco senhoras com idades entre 84 e 94 anos, se reúnem semanalmente para o café, que passou por modificações com o tempo, mas permanece como uma tradição familiar.

Anteriormente, conforme revelam duas primas, **Inge Maria Wetzel Silva** (nascida em 1942) e **Brigitte Jordan Campos** (nascida em 1940), além de tomar café e conversar, elas realizavam trabalhos manuais – e havia até um "livro de atas" que registrava eventos familiares (nascimentos, batizados, aniversários, viagens) e era assinado por todas as participantes. Brigitte é a atual guardiã deste livro e as primas ainda preservam com zelo os trabalhos realizados não só por elas, mas também por suas mães, tias e avós.

A pesquisadora joinvilense **Elly Herkenhoff**, em seu texto "Apologia do Crochê", publicado em 1985, no Boletim do Arquivo Histórico de Joinville, retrata com clareza e sensibilidade aspectos do cotidiano de Joinville no século XIX que revelam as práticas relacionadas às artes manuais, nas quais os bordados estão incluídos:

> *Em qualquer dicionário da língua portuguesa se encontra a explicação, aparentemente satisfatória, do vocábulo crochê ou croché – aportuguesado do francês - "crochet" – que designa um trabalho de renda ou malha, feito a mão, com o auxílio de uma agulha provida de ganchinho em uma das extremidades. E dicionários há, mais atualizados, que até registram o termo como regionalismo corrente em Goiás, onde define a permuta de vários objetos na mesma ocasião.*
>
> *No entanto, ainda está por ser lançada a edição que irá explicar ao eventual consultante o que se entende por um crochê joinvillense, o crochê-instituição, o crochê-folclore, o crochê muito nosso que, longe de ser uma simples reunião em "petit comité", representa, antes de mais nada, uma das nossas maneiras mais tradicionais de cultivar amizades, fiéis ao velho costume do "Kränzchen", a nós legado pelas sucessivas levas de imigrantes, desde os primórdios da Colônia Dona Francisca.*
>
> *A palavra alemã "Kränzchen" é o diminutivo de "Kranz" e significa pequena grinalda (de flores, folhagem ou outro material), servindo, por essa razão, para definir um pequeno círculo de pessoas que reúne, quase sempre, moças ou senhoras da mesma faixa de idade ou do mesmo nível social e cultural, muitas vezes amigas desde a infância, às vezes já bem idosas, às vezes jovens donas de casa ou até mesmo adolescentes, companheiras de colégio. As reuniões das "associadas" se realizam geralmente uma vez por semana, em dia certo, alternadamente em casa de uma das amigas e esta, como anfitriã, oferece um lanche, isto é, um bom café com*

"Kuchen", bolo e outros quitutes, preparados com esmero e perícia e, evidentemente, segundo as possibilidades econômicas da anfitriã.

O costume, antiguíssimo nos países de língua alemã, foi introduzido no Brasil pelos imigrantes alemães e até hoje os "Kränzchen" existem, sob este nome, em grandes e pequenas cidades do Brasil."

Em seu relato, Elly Herkenhoff conta que os *Kränzchen* são antigos e já foram alvo de estudos e de reportagens em jornais. Ela descreve o zelo com que estas senhoras preparavam suas reuniões e explica que nestes encontros podiam ser discutidos os mais variados assuntos.

Círculos há em que tudo é debatido e dissecado, desde o segredinho da torta de nozes estreada pela anfitriã, até a situação explosiva no Oriente Médio e a vitória de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras.

Fala ainda da presença dos *Wandschoner*, os painéis de parede bordados, comuns nas casas de imigrantes de origem germânica e italiana:

Esse pendor, que explica perfeitamente a instituição do "Kränzchen" feminino, sempre mereceu especial atenção de publicistas – sobretudo estrangeiros – que escreveram a respeito da antiga Colônia Dona Francisca.

Um dos mais acatados autores, Robert Gernhard, redator do jornal, "Reform" (Reforma) em Joinville, publicando em 1901 a sua importante obra "Dona Francisca, Hansa und Blumenau" (Dona Francisca, Hansa e Blumenau), dedica páginas inteiras à mulher joinvillense, às suas qualidades, ao seu "savoir vivre" e apresenta, como prova de suas afirmações, o retrato de um "Kränzchen" de sete senhoras, todas elegantemente vestidas à moda da época, posando para o fotógrafo no terraço de uma casa, provavelmente a casa da anfitriã, naquele memorável encontro.

Sempre deve ter havido vários "Kränzchen" simultaneamente, em Joinville, desde os primeiros anos de vida da cidadezinha às margens do Cachoeira, embora as mães de família, naqueles difíceis tempos primitivos, não pudessem ser nem muito assíduas e nem pontuais nas reuniões. Mas é certo que, uma vez assumido o compromisso de "associada", a dona de casa anfitriã, fiel às convenções, se esmerava, já na véspera, em preparativos para a recepção, começando por minucioso exame do aspecto geral do ambiente, desde o assoalho cuidadosamente areado, até as cortinas de filó trabalhado e os painéis das paredes, bordados em ponto-de-cruz com motivos florais e letras góticas, formando significativos dizeres em alemão.

(...)

Depois era a vez de estender a toalha de damasco, impecavelmente alva – peça do enxoval, quem sabe, com monograma em ponto cheio num dos cantos, bordado durante o noivado. E era a vez das xícaras douradas de finíssima porcelana, trazidas a são e salvo – presente

nupcial talvez, de gente amiga, gente que ficou na lembrança, como todos os amigos e todas as coisas amigas no "lado de lá"...

Mas, à medida que a cidadezinha ia crescendo, também ia crescendo o número de círculos e começou a diversificação do nome, quando um grupo de donas de casa decidiu autodenominar-se "Haekelklub", (Clube de Crochê), talvez porque as participantes se dedicassem exclusivamente ao crochê, durante os encontros, realizados sempre à noite e dos quais até mesmo os maridos às vezes tomavam parte – não fazendo crochê, evidentemente, mas divertindo-se com jogos diversos em outro compartimento da casa. E à medida que as gerações de filhas e netas iam se sucedendo, à medida que o afluxo de famílias de outras cidades do País foi aumentando, os diferentes nomes – inclusive do "Handarbeitsklub" (Clube dos Trabalhos Manuais), também existentes – foram sendo simplificados e traduzidos, muitas vezes, passando a ser crochê ou clube ou então simplesmente lanche, perdendo, neste último caso, uma de suas características, a prática dos trabalhos manuais.

(...)

Desde o início da colonização de Joinville se observa uma série de atividades voltadas para a prática do bordado, indicando que ele já era presente no cotidiano das famílias e dos grupos de moças e senhoras.

Levantamento histórico da pesquisadora **Brigitte Brandenburg** no *Kolonie Zeitung*, o principal jornal de Joinville, criado em 1863 e resguardado no acervo do Arquivo Histórico de Joinville, aponta que desde os primeiros tempos da antiga Colônia Dona Francisca já havia registros de estabelecimentos que comercializavam revistas importadas com riscos, material de armarinhos para bordados, crochê e costura, e também de professoras (informais ou não) que ensinavam as artes manuais às mulheres. Geralmente estes estabelecimentos não eram exclusivos e vendiam produtos variados.

Anúncio publicado em 1864, no *Kolonie* (ainda grafado com "C", conforme nomenclatura antiga) mostra o comerciante J. H. Auler oferecendo assinaturas de publicações variadas, inclusive de jornais para a família e para senhoras:



Jahr 2. Sonnabend, den 23. Juli 1864. № 30.

Colonie-Zeitung

und Anzeiger für

Dona Francisca und Blumenau.



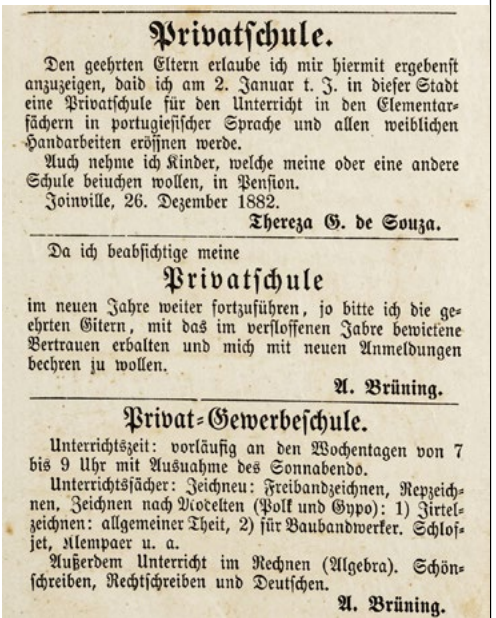
Durch die Buchhandlung von **J. H. Auler** in Dona Francisca (außerhalb durch Vermittlung der Herren Agenten d. Bl.) können folgende Zeitschriften für 1864 sofort bezogen werden:

Illustrirte Zeitung (Leipziger)	20,000 Rs.	pr. Jahr.
Familien-Journal, illustrirtes	6,000 Rs.	„ „
Gartenlaube,	6,000 Rs.	„ „
Deutsche Blätter von Berthold Auerbach	3,000 Rs.	„ „
Bazar, illustrirte Damenzeitung	8,000 Rs.	„ „
Dorfbarbier, illustr. Volksblatt	5,000 Rs.	„ „
Germania, Wochenschrift für deutsche Interessen in Brasilien	10,000 Rs.	„ „
Londoner Anzeiger, bei directer Zusendung	10,000 Rs.	„ „
Fliegende Blätter (Münchener)	6,000 Rs.	„ Bnd.

← Tradução de anúncio do Kolonie Zeitung: Através da livraria de J. H. Auler em Dona Francisca (fora dela por intermédio dos senhores agentes deste jornal), podem ser encomendadas imediatamente as seguintes publicações para 1864:

- *Illustrirte Zeitung* (de Leipzig) - 20 000 Rs. por ano.
- *Familien-Journal*, ilustrado - 6 000 Rs. por ano. →
- *Gartenlaube* - 6 000 Rs. por ano.
- *Deutsche Blätter de Berthold Auerbach* - 3 000 Rs. por ano.
- Bazar, jornal ilustrado para senhoras - 8 000 Rs. por ano.
- *Dorfbarbier*, jornal popular ilustrado - 5 000 Rs. por ano.
- Germania, semanário para os interesses alemães no Brasil - 10 000 Rs. por ano.
- *Londoner Anzeiger*, com envio direto - 10 000 Rs. por ano.
- *Fliegende Blätter* (de Munique) - 6 000 Rs. por volume."

Mais adiante, em 26 de dezembro de 1882, **Thereza Gertrudes de Souza** (Lobo) informa que abrirá no início do ano seguinte uma escola para o ensino de disciplinas básicas e incluirá o ensino de trabalhos manuais femininos.



Privatschule.

Den geehrten Eltern erlaube ich mir hiermit ergebenst anzuzeigen, daß ich am 2. Januar t. J. in dieser Stadt eine Privatschule für den Unterricht in den Elementarfächern in portugiesischer Sprache und allen weiblichen Handarbeiten eröffnen werde.

Auch nehme ich Kinder, welche meine oder eine andere Schule beuchen wollen, in Pension.

Joinville, 26. Dezember 1882.

Thereza G. de Souza.

Da ich beabsichtige meine

Privatschule

im neuen Jahre weiter fortzuführen, so bitte ich die geehrten Eltern, mir das im verflossenen Jahre bewiesene Vertrauen erhalten und mich mit neuen Anmeldungen beehren zu wollen.

A. Brüning.

Privat-Gewerbeschule.

Unterrichtszeit: vorläufig an den Wochentagen von 7 bis 9 Uhr mit Ausnahme des Sonnabends.

Unterrichtsfächer: Zeichnen: Freihandzeichnen, Repzeichnen, Zeichnen nach Modellen (Polk und Gypo): 1) Zirkelzeichnen: allgemeiner Theil, 2) für Baubandwerker. Schlosser, Klempner u. a.

Außerdem Unterricht im Rechnen (Algebra). Schönschreiben, Rechtschreiben und Deutschen.

A. Brüning.

Kolonie Zeitung

Desde muito cedo, muitas jovens eram preparadas para o casamento e para as responsabilidades do futuro lar. Algumas frequentavam escolas voltadas à educação doméstica (especialmente no século XX), onde adquiriam conhecimentos considerados essenciais para a vida familiar, como culinária, costura e bordado. Outras aprendiam trabalhos manuais nas escolas convencionais e em casa, ainda na infância.

Uma amostra bordada por **Gerda Hagemann** (nascida Brand em 1901 e falecida em 1988) em 1912, quando tinha apenas 11 anos, nas aulas regulares da 5ª série da antiga Deutsche Schule, o atual Colégio Bom Jesus, é um exemplo disto. A peça pertence ao acervo do Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC) e traz o alfabeto e algarismos bordados em cambraia de linho, com os seguintes pontos: ponto cheio, festão, ilhós, nó francês, ponto haste, ponto sombra, richelieu e bainha aberta.

Outras amostras feitas por meninas na escola ou em casa, e que constam no acervo do MNIC, são ainda mais antigas. Uma delas é peça bordada em 1887, em linho, na Escola Alemã, por **Ida Krelling** (segundo data bordada em ponto cruz, junto com a identificação da autora). E outra é uma amostra de ponto cruz, em cânhamo, bordada por **Emma Herkenhoff** (nascida Kolbach em 1864), mãe de **Elly Herkenhoff**. A peça foi feita em 1875, na Alemanha, quando a menina tinha oito anos e ainda não havia imigrado para o Brasil.

As primas Wetzel revelam como este aprendizado ocorria no século XX. **Brigitte Jordan Campos**



Colégio dos Santos Anjos (antiga Escola Normal São Vicente de Paula).

lembra que começou a bordar na escola primária, no Colégio dos Santos Anjos (antiga Escola Normal São Vicente de Paula), por volta dos 8 ou 9 anos de idade, com a **Irmã Antoinette**. A religiosa ensinava bordado como disciplina regular para as meninas, enquanto os meninos tinham aulas como marcenaria. O ensino das artes manuais não era facultativo e Brigitte, embora não demonstrasse grande apreço pela atividade, tinha que aprender a bordar. As aulas também incluíam desenho, crochê e tricô.

Sua prima **Astrid Lorenz** (nascida Wetzel, em 1932) também aprendeu a bordar no Santos Anjos e aperfeiçoou seus conhecimentos na Fundação Evangélica de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, uma escola voltada para a formação de moças da sociedade. Ao contrário da prima, Astrid gostava da atividade e ainda hoje, aos 94 anos, borda ponto cruz regularmente.

Aprender a bordar significava mais do que dominar uma técnica. Era também adquirir um saber que seria aplicado na confecção e ornamentação do enxoval, transmitindo padrões, motivos e conhecimentos de uma geração para outra – e atendendo a uma expectativa da sociedade. Nascida em 1939, **Darci Schmalz**, aos 87 anos comenta que, em sua juventude, as moças que não tinham enxovais eram consideradas "relaxadas".

Ao longo do tempo, a prática do bordado e das artes manuais também se consolidou como uma forma de garantir uma fonte de renda e autonomia para muitas mulheres e suas famílias.

Durante séculos as mulheres foram educadas para a vida no lar e a criação dos filhos, sem acesso à formação profissional – e até o século XX poucas eram as profissões socialmente aceitáveis para moças e senhoras, como a enfermagem ou o magistério, por exemplo. Quando precisavam gerar renda própria e assumir a função de provedoras da família, encontravam muitas limitações.

Com isto, o que para muitas era lazer ou uma prática restrita à família passou a ser também um ofício, um modo de ganhar a vida.

Em Joinville, a trajetória de professoras de bordado como **Marieta Stock**, ou de bordadeiras como **Eugênia Kumlehn**, **Margot Wetzel** e **Ilse Schoen** mostra claramente isto. Elas transformaram uma prática tradicional, inicialmente associada ao universo doméstico, em uma forma de autonomia e expressão – e aperfeiçoaram o domínio técnico, criando identidades próprias e inconfundíveis mesmo décadas após as suas mortes.

Proprietária durante anos de uma loja de aviamentos na zona norte e no centro de Joinville, **Regina Berg** lembra de outras senhoras que se destacaram no ensino de bordados ou na produção de peças, no final do século XX, em diversas especialidades (nem todas detalhadas neste trabalho):

Frau Olga Stutzer

Mestra em ponto cruz e com um crochê perfeito. Também fazia tricô à máquina e ensinou a Regina técnicas de engomagem e como passar bordados para que o relevo ficasse em evidência.

Gerda Eward

Sobrinha de Frau Stutzer, era especialista em ponto cheio, pintura de agulha, hardanger e richelieu. Trabalhou para uma empresa de enxovais em São Paulo (possivelmente de Rolf Kaesemodel), que encomendava bordados feitos em Joinville. Criava riscos em papel manteiga perfurado, transferindo-os com uma

pasta à base de grafite e gasolina. Possuía um trabalho impecável, com avesso perfeito.

Alice Monich

Reconhecida por sua habilidade no bordado "Ilha da Madeira", ensinava a bordar e também comercializava peças prontas. A filha Nair Larson e a neta Rosita Larson da Silveira também lecionavam.

Anitta Berg (sogra de Regina)

Seus enxovais da década de 1930 mostram bordados coloridos e crochê fino, alguns com motivos florais e cestas.

Hildegard Schwoelck

Fazia trabalhos no bordado “Ilha da Madeira” por encomenda. Recebeu riscos de Marieta Stock.

Adele Holz

Bordava “Ilha da Madeira” por encomenda.

Bordadeiras como estas, profissionais ou não, contribuíram para que o bordado se perpetuasse e chegasse até os nossos dias.

Bordados e suas histórias



Bordado em ponto cruz duplo no tecido xadrez

O bordado utilizando a técnica do ponto cruz duplo em tecido xadrez, também conhecido como "bordado em tecido xadrez", se firmou no Brasil com a presença de imigrantes de origem europeia. Criada como uma colônia agrícola, a antiga Colônia Dona Francisca, que deu origem a Joinville, é uma delas. A industrialização e a formação de um polo têxtil na região, entretanto, foi determinante para o aperfeiçoamento do tecido tradicionalmente utilizado, possibilitando o aprimoramento da técnica e sua disseminação ao longo do século XX.

Ao longo do tempo, Joinville se destacou na prática deste bordado, desenvolvendo características singulares e indo além dos tradicionais motivos geométricos, com a criação de motivos/riscos representando elementos da natureza (flores, folhas, borboletas, coelhos, Páscoa e Natal, por exemplo). Isto estimulou a utilização de uma maior variedade de cores para refletir a riqueza cromática dos motivos figurativos.

Em alguns municípios de Santa Catarina também formados a partir da imigração germânica no século XIX os bordados em ponto cruz duplo no tecido xadrez são apresentados em apenas uma ou duas cores, pois estão associados à predominância dos motivos geométricos. O resultado é uma estética mais contida e monocromática.

Devido a isto, concluímos que Joinville desenvolveu uma identidade visual própria, que se distingue claramente da produção da região.

O aperfeiçoamento do suporte para o bordado, o tecido xadrez, também está associado a uma das maiores indústrias têxteis da América Latina, a Döhler S/A, fundada em 1881, em Joinville e até hoje, 2026, sediada na cidade.

Trineta do fundador Carl Gottlieb Döhler e bisneta de Alexandre Döhler, que desenvolveu a empresa, **Milene Wittwer Butzke** conta que desde cedo os jovens trabalhavam no empreendimento da família, inclusive as moças, até se casarem.

Filhas de Alexandre, sua avó **Ernesta Ida Felícia Wittwer** (nascida Döhler, em 1907 e falecida em 2001) e a irmã **Helena Emília Ilse Shoen** (nascida Döhler, em 1912 e falecida em 1999), ainda adolescentes trabalhavam na tecelagem durante o dia e, à noite, dedicavam-se ao bordado. "Bordavam principalmente à noite, na base da luz do lampião, mesmo", conta Milene.

A Döhler já fabricava tecido xadrez desde os primeiros tempos da operação, mas as irmãs, reconhecidas como exímias bordadeiras, desejavam um tecido que permitisse executar o ponto cruz duplo

de maneira que o avesso do trabalho ficasse perfeito, ou seja, não aparente. Elas estimularam a pesquisa e desenvolvimento de um novo tecido com este objetivo.

O processo de desenvolvimento foi longo e árduo, com muitas tentativas e erros, mas por fim, por volta de 1945, resultou em um tecido duplo, especialmente elaborado para esconder os fios entre suas tramas e que não apresenta diferença entre a frente e o avesso. Ambos os lados são idênticos e podem ser utilizados para bordar, o que oferece grande flexibilidade ao artesão. Devido às muitas dificuldades superadas até chegar ao resultado desejado, o novo tecido foi batizado de "Vencedora".

"Eles foram fazendo testes, testes e testes, até criarem esse. Tanto que o nome do tecido é 'Vencedora', porque foi realmente uma luta para conseguir fazer esse tecido", relata Milene, lembrando das histórias que sua avó Felícia contava.

O episódio revela a estreita relação entre o conhecimento artesanal e a atividade industrial que se desenvolvia em Joinville a partir do século XX. O domínio da técnica, aliado à experimentação e à busca por novos materiais, transformou o bordado em um campo de inovação, no qual o fazer manual dialogava diretamente com a produção têxtil.

Baseada nos relatos de sua avó Felícia, Milene conta que a princípio os modos de fazer eram transmitidos de forma prática, no dia a dia. "Na época da *Oma* Felícia, era assim, elas aprendiam na tentativa e erro, vinha passando das avós, das mães, de geração em geração. E bem antigamente, quando o pessoal veio, elas não tinham nem os desenhos

para fazer. Então, copiavam da própria natureza. Ah, quero fazer uma flor... então, pegava a flor, colocava na frente, desenhava mais ou menos no tecido e bordava com ponto, na época eu acredito que era ponto cheio, mas não se tinha exatamente uma apostila do assunto. Iam bordando, simplesmente. Minha mãe nunca me falou de amostras. Viam na toalha de outra e aí repetiam. Mas não que tivesse um caderninho organizado. Era amador mesmo, era o jeito que tinha."

A experiência das irmãs Döhler contribuiu para o desenvolvimento e a difusão da técnica, geralmente utilizada em toalhas de mesa e panos de prato. Ilse Schoen desenvolveu uma forma própria de criar os gráficos para o ponto cruz duplo, que passaram a ser comercializados juntamente com o tecido "Vencedora".

Filha de Ilse Schoen, **Karin Schoen Singendonk** conta que, como tantas senhoras ao longo da história, a mãe usou as suas habilidades manuais para gerar renda em um momento difícil da família quando, recém-casada, o marido ficou doente.

Karin revela que a mãe não só criava modelos, mas também empregava bordadeiras e crocheteiras, tanto fixas na loja quanto senhoras que trabalhavam em suas próprias casas.

Ilse desenvolvia os riscos para serem bordados nas toalhas em ponto cruz duplo em tecido xadrez, mas não os executava. Esta tarefa ficava a cargo de bordadeiras contratadas, como dona **Margot Castanheira**, entre várias outras. "A mãe não bordava, ela organizava tudo e dava para as senhoras bordarem.

Tinha umas fixas, que também trabalhavam na loja. Mas tinha, como a gente dizia, *Heimarbeiter*, trabalhadoras em casa, tanto as bordadeiras como as crocheteiras", explica Karin.

Sobrinha de Ilse Schoen e afilhada de Karin, **Betina Borck da Silveira** começou a trabalhar na loja da tia com 15 anos e permaneceu por anos. Ela acompanhou a criação dos riscos para as toalhas bordadas em ponto cruz duplo no tecido xadrez fabricado e comercializado pela Döhler e guardou exemplares mostrando todas as etapas do processo, desde o primeiro rascunho em papel quadriculado, a marcação das cores, as toalhas bordadas e os folhetos de receita com os riscos e as fotos do produto pronto que acompanharam o tecido xadrez "Vencedora" ao longo das décadas de 1970 e 80.

Karin lembra que a mãe criou os riscos desde a década de 1970 até pouco antes de falecer, em 29 de abril de 1999. "Lembro que meu primo, Roland Döhler, um dia disse para mim: 'Karin, nós temos a maior coleção de toalhas vencedoras bordadas.' Porque bem no começo minha mãe fazia só um quadradinho, assim, uns modelinhos. Depois começou a fazer toalhas, inclusive umas toalhas redondas. Em São Paulo, numa dessas feiras industriais, eles levaram essas toalhas e puseram para demonstrar. Aí o pessoal começou a encomendar, queriam comprá-las", recorda.

Técnica, processos e instrumentos

TIPO DE BORDADO
Ponto cruz duplo no tecido xadrez.

PONTOS UTILIZADOS
- Ponto cruz duplo (o principal)
- Outros pontos encontrados são ponto margarida e ponto contorno.

EXECUÇÃO DO PONTO
O ponto cruz duplo é aplicado sobre os quadradinhos do próprio tecido xadrez, criando desenhos geométricos ou figurativos. O próprio quadriculado do tecido guia o trabalho, servindo como referência para os pontos.

Para formar cada cruz são necessários quatro pontos em cada quadradinho: primeiro faz-se um "X" e, por cima dele, uma cruz.



1 2 3

INSTRUMENTOS DE TRABALHO
Agulha com ponta adequada à linha utilizada.

MATERIAIS

Tecido
- Xadrez com quadrados regulares e dupla camada para esconder o arremate e possibilitar o avesso limpo.
- Tecido "Vencedora", da Döhler.

Linhas
Cléa 1000 (da Círculo, lançada em 1948).

MOTIVOS
Padrões geométricos. Joinville se destaca pelo desenvolvimento de padrões figurativos (flores, borboletas, Páscoa, Natal, etc.).

CORES
Cores variadas e uso do contraste entre os tons das linhas e dos tecidos para formar desenhos. Usava-se o fio branco, por exemplo, em cima do quadradinho colorido para dar um efeito de "fundo branco" contrastante com o motivo.

ACABAMENTOS
Crochê.





MODO DE FAZER

- O motivo é desenhado e passado para o tecido. O bordado também pode ser feito com “ponto contado”, quando a própria bordadeira olha o gráfico e o transfere para o tecido à medida em que o executa.
- Escolha o quadrado xadrez onde o bordado vai começar. Insira a agulha deslizando-a por entre as duas camadas do tecido, saindo exatamente em um dos cantos do quadrado.
- Prenda o fio: Puxe a linha quase até o fim. Dê pequenos pontos ou passe a agulha duas ou três vezes por dentro da própria trama interna para travar o fio. Dessa forma, a ponta inicial fica embutida e oculta, eliminando a necessidade de nós.
- Borde primeiro o "X" no quadradinho. Depois, borde uma cruz por cima do “X”.
- Para finalizar, a linha é arrematada pelo avesso, passando a agulha por dentro do tecido e prendendo-a, com movimentos de ida e volta.
- Depois, de acordo com o risco, pode-se fazer contornos para realçar o desenho.
- Para fazer um barrado branco por exemplo, utiliza-se a linha branca sobre os quadradinhos coloridos.

Em Joinville, os riscos eram desenvolvidos por **Ilse Schoen** para a Döhler, que os dava como “folhetos de receita” ao comercializar o tecido “Vencedora”. Sobrinha de Ilse, **Betina Borck da Silveira** explica o processo:

“Tante Ilse começava num papel quadriculado, fazia um esboço, e depois um outro esboço, mais aprimorado. Aí bordava e levava a toalha para a Döhler, para ser fotografada e virar os folhetos que eram vendidos junto com o tecido. Sempre dentro da peça de tecido ia uma cartela para o vendedor distribuir.”

Para elaborar os riscos, Ilse traçava primeiro, à mão, o contorno do motivo. Em seguida, preenchia o desenho com um quadriculado que definia o motivo e indicava as cores a serem bordadas. Os riscos também traziam as medidas da toalha.



Estudo de risco, folheto de receita e bordado

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de
Milene Wittwer Butzke

BORDADEIRA
Isolde Jahn Wittwer
(mãe da Milene)

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
2016

MEDIDAS
127 cm × 132 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa bordada em tecido de algodão xadrez verde, conhecido como "Vencedora", desenvolvido na tecelagem Döhler e ainda utilizado nos dias atuais. O bordado foi feito em ponto cruz duplo, com linha Cléa, em tons de rosa e verde, formando desenhos decorativos de ramos de rosas. Acabamento em crochê branco.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de
Milene Wittwer Butzke

BORDADEIRA
Isolde Jahn Wittwer
(mãe da Milene)

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
2018

MEDIDAS
130 cm × 135 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa bordada em tecido de algodão xadrez laranja, conhecido como "Vencedora", desenvolvido na tecelagem Döhler e ainda utilizado nos dias atuais. O bordado foi executado em ponto cruz duplo. As cores predominantes são rosa, verde, amarelo e marrom, formando uma paleta vibrante. Os motivos são florais com arabescos. Acabamento em crochê nas cores verde, rosa e amarelo.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de
Milene Wittwer Butzke

BORDADEIRA
Isolde Jahn Wittwer
(mãe da Milene)

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1990

MEDIDAS
45 cm × 51 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa bordada em tecido de algodão xadreza vermelho, conhecido como "Vencedora", desenvolvido na tecelagem Döhler e ainda utilizado nos dias atuais. Um diferencial significativo é que, ao centro, o quadriculado é menor, o que confere uma transição visual na superfície têxtil. O bordado foi executado em ponto cruz duplo. As cores predominantes são azul, vermelho e branco, formando uma paleta que dialoga com as cores do próprio tecido. Os motivos são geométricos. Acabamento em crochê vermelho e branco.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria de Fátima Barbosa Schlickmann

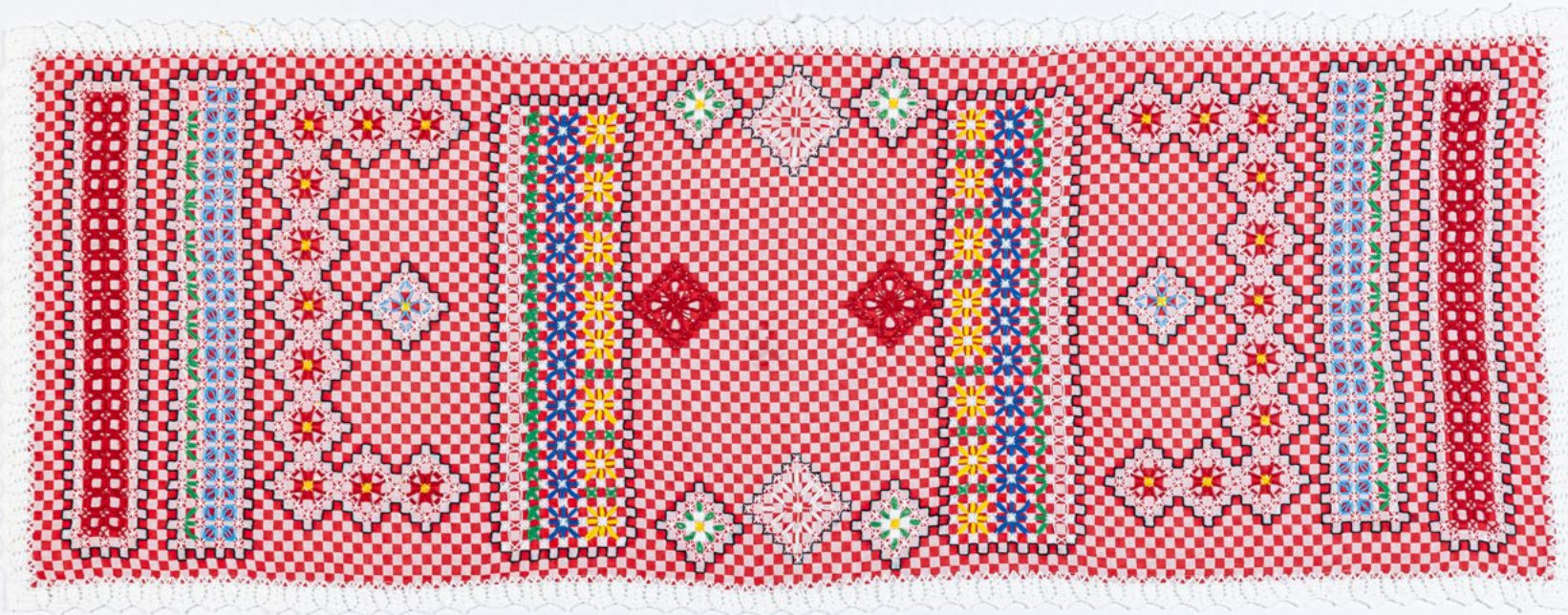
BORDADEIRA
Renate Bloemet (aluna da Maria de Fátima)

RISCO
Encarte da Döhler

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
2005

MEDIDAS
140 cm × 226 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa bordada em tecido xadrez laranja da marca "Vencedora", desenvolvido na tecelagem Döhler e ainda utilizado nos dias atuais. O bordado foi executado em ponto cruz duplo. As cores predominantes são azul, verde, marrom e preto, formando uma paleta contrastante entre a cor do tecido e as cores do bordado. Os motivos são florais, com rosas. Acabamento em crochê branco.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria de Fátima Barbosa Schlickmann

BORDADEIRA
Maria de Fátima Barbosa Schlickmann

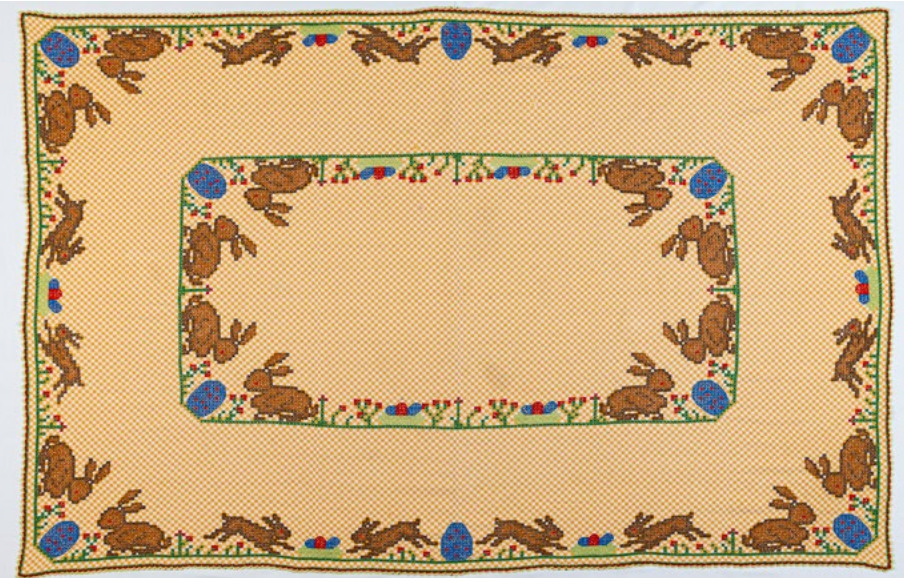
RISCO
Revista Agulha de Ouro e de encarte da Empresa Döhler.

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
2015

MEDIDAS
50 cm × 135 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trilho mostruário bordado em tecido xadrez vermelho da marca “Vencedora", desenvolvido na tecelagem Döhler. Trata-se de uma amostra de pontos, que demonstra a aplicação de diferentes pontos em uma mesma superfície. Os pontos utilizados são ponto cruz duplo, ponto contorno e ponto margarida. Os motivos são geométricos, valorizando a simetria, a regularidade e a organização espacial dos pontos. Acabamento em crochê branco.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Betina Bock da Silveira

BORDADEIRA
Possivelmente Margot Castanheira

RISCO
Ilse Schoen

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1970

MEDIDAS
90 cm × 124 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de catálogo bordada em tecido de algodão xadrez laranja, conhecido como “ Vencedora", desenvolvido na tecelagem Döhler. Trata-se de uma peça demonstrativa que servia como modelo para apresentação e divulgação de padrões. O bordado foi executado em ponto cruz duplo. As cores predominantes são verde, azul, vermelho e tons de marrom, formando uma paleta variada e contrastante. Os motivos são alusivos à Páscoa. Acabamento em crochê.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Betina Bock da Silveira

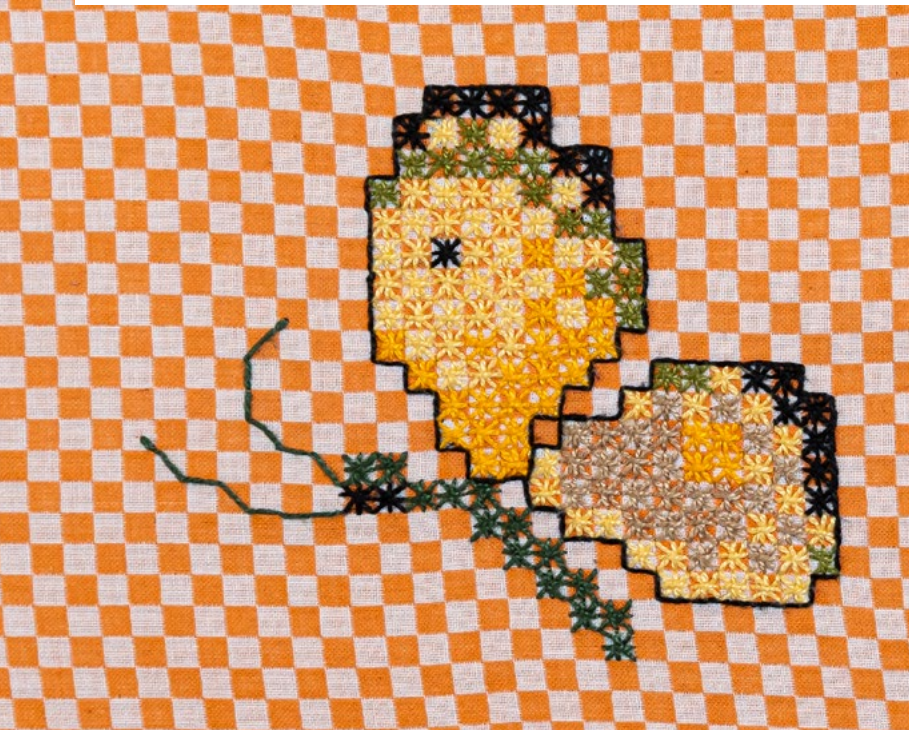
BORDADEIRA
Possivelmente de Margot Castanheira

RISCO
Ilse Schoen

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1980

MEDIDAS
136 cm × 228 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de catálogo bordada em tecido de algodão xadrez laranja, conhecido como "Vencedora", desenvolvido na tecelagem Döhler. Trata-se de uma peça demonstrativa que servia como modelo para apresentação e divulgação de padrões. O bordado foi executado em ponto cruz duplo e ponto de contorno. As cores predominantes são verde, azul, bordô e tons de marrom. Os motivos são borboletas. Acabamento em crochê.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de
Betina Bock da Silveira

BORDADEIRA
De uma bordadeira
de Ilse Schoen

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1970

MEDIDAS
Diâmetro de 155 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em tecido xadrez verde da marca "Vencedora", desenvolvido na tecelagem Döhler. Trata-se de uma peça demonstrativa que servia como modelo para apresentação e divulgação de padrões, mas, por conta da dificuldade em emendar o tecido, deixou de ser apresentada. O bordado foi executado em ponto cruz duplo e ponto de contorno. As cores predominantes são vermelho e verde, com motivos natalinos. Acabamento em crochê.



Bordado em meio ponto

O bordado em meio ponto é uma técnica que aplica o meio ponto (metade de um ponto cruz ou *half stitch*, apenas a primeira diagonal) em um suporte, que pode ser uma tela de tapeçaria ou um tecido. Em Joinville, ele foi aplicado em tecidos muito finos e leves, com trama fechada, como o voal, utilizando apenas um fio de linha para a execução de pontos minúsculos, o que conferia às peças um aspecto de pintura e um resultado delicado e sofisticado.

O meio ponto é muito associado à tapeçaria, com o *gobelin*, e, embora não se conheça exatamente a sua origem, é provável que seja derivado do ponto cruz, um dos pontos que remontam à antiguidade. Na Áustria é executado o chamado "*petit point* austríaco", bordados tradicionais de miniaturas, similares à técnica observada em Joinville na segunda metade do século XX.

Aos 93 anos, **Elisabeth Bender** (nascida Keller, em 1933) ainda preserva os bordados de sua mãe e tias, em várias técnicas, muitos do início do século XX, além dos que reuniu ao longo da vida. Ela guarda marcadores de lugar à mesa bordados em meio ponto, adquiridos na Áustria, e conta que

produtos bordados nessa técnica ainda são comercializados naquele país. "Em Salzburgo, é possível encontrar itens belíssimos com essa técnica, como puxadores de campainha da época dos reis. Esses puxadores eram ricamente bordados em meio ponto cruz e frequentemente possuíam um pequeno sininho na parte inferior."

Com um resultado delicado e sofisticado, o bordado em meio ponto foi utilizado em Joinville por mulheres que transformaram o bordado em ofício. Na segunda metade do século XX, duas bordadeiras/empreendedoras se tornaram referência neste bordado: Ilse Schoen e Eugênia Kumlehn (nascida Koch em 1906 e falecida 1991).

Empreendedora, **Ilse Schoen** começou a bordar e a comercializar lencinhos usando pontos variados em 1934. Logo em seguida, começou a fazer os lencinhos em meio ponto. Recém-casada, o marido adoeceu e ela precisou buscar formas de reforçar o orçamento da família. Muito usados pelas moças e senhoras da época, os lencinhos fizeram sucesso. Para aumentar a produção, ela passou a ensinar e a contratar outras bordadeiras. Tinha várias amostras numeradas para guiar o trabalho das funcionárias e contava também com crocheteiras para fazer o acabamento. **Angelina Dressel** era uma delas. Entre as bordadeiras que trabalhavam para Ilse Schoen estão **Ondina Schramm Kunde** (nascida Schramm, em 1933). Aos 93 anos, Ondina conta que começou a bordar para Ilse Schoen ainda solteira, indicada por outra funcionária, também bordadeira, **Ruth Silva**.

Após o casamento, no início da década de 1950, a atividade se intensificou e prosseguiu nas décadas de 1960 e 1970, com algumas interrupções em função de suas demandas familiares.

A atividade de Ilse Schoen evoluiu para a compra de uma loja e confecção de roupas brancas na rua do Príncipe, na esquina com a rua Ministro Calógeras, que depois foi transferida para a rua Dr. João Colin, nº 307 (algumas das principais ruas comerciais de Joinville), a "Comercial Ilse". Em um período, a loja também foi denominada "Casa Schoen". Ondina Kunde buscava os trabalhos que iria bordar na loja da rua Dr. João Colin.

O estabelecimento comercial criado por Ilse se tornou um centro de bordados, tecidos e confecção, gerando emprego e renda para outras mulheres. A loja reunia uma equipe formada por costureiras, crocheteiras e bordadeiras, criando uma rede de trabalho em torno do fazer artesanal. Posteriormente, ela começou a desenvolver também os riscos de bordado em ponto cruz duplo vendidos junto ao tecido xadrez da indústria da família, como já vimos anteriormente.

Ilse chegou a receber medalha de ouro na Exposição Industrial realizada durante as comemorações do Centenário de Joinville, em 9 de março de 1951, por uma peça bordada em meio ponto, como relata a filha **Karin Schoen Singendonk**: "A minha mãe fez para ela duas camisolas, quando completou 10 anos de casada, em 1944. Uma de cambraia bordada, e uma de voal. Ela colocou em cima da cama as duas camisolas e, quando meu avô chegou lá em casa, mostrou

para ele. Meu avô olhou para as camisolas e disse: 'Que lindas! Isso aqui é pena de usar. Usa outra, isso é muito chique pra usar. Não, não, não!' Minha mãe nunca as usou. No centenário de Joinville, tinha o pavilhão de exposição [Ginásio Abel Schulz] e minha mãe mandou fazer um armário de vidro para expor essa camisola e esses bordados em meio ponto – e foi agraciada com a medalha de ouro do Centenário de Joinville."

Os lencinhos bordados em meio ponto em voal eram fornecidos para grandes lojas em São Paulo, como Sears e Mesbla; para a Prosdócimo, de Curitiba; e a Casa Meyer, de Blumenau.

Uma referência em bordados em meio ponto em Joinville, **Eugênia Koch Kumlehn** foi outra senhora que transformou seu talento em fonte de sustento para a família, quando seu marido, Arno Kumlehn, morreu repentinamente em um acidente de carro, em 1951. Sua nora, **Gisela Kumlehn**, revela que, sem pensão do marido, ela precisou se desdobrar. Assumiu o trabalho de Arno como representante comercial da Fósforos Pinheiro, da Fiat Lux, em Santa Catarina, e, ao mesmo tempo, começou a bordar profissionalmente. Depois estabeleceu uma rede de bordadeiras e crocheteiras na região, contribuindo para a geração de renda de outras mulheres.

Criativa e exigente com seu trabalho, ela se inspirava em revistas europeias, como a "Burda" e adaptava paisagens e outros motivos para o bordado, desenvolvendo uma identidade própria ainda hoje reconhecida por quem conhece bordados e viveu aquela época. Sua neta, **Maria Eugênia Jensen**,

ainda guarda revistas usadas como referência pela avó, como "*Album de Labores y Punto de Cruz* - suplemento de *La Familia*, de 1952".



Revistas: *Album de Labores y Punto de Cruz* - suplemento de *La Familia*, de 1952, referências de Eugênia Koch Kumlehn.

Entre suas criações, destacavam-se os motivos de rosas, presentes de maneira recorrente em suas peças e que acabaram se tornando uma espécie de assinatura de seu trabalho.

A delicadeza e a precisão eram marcas de sua produção. Perfeccionista, utilizava linhas de bordar de seis fios, trabalhando com um único fio. Bordava à mão, sem o uso de bastidor, esticando o voal sobre

o dedo indicador para controlar a tensão do tecido e garantir a regularidade dos pontos. Com o aumento da demanda, Eugênia organizou uma verdadeira rede de trabalho com mulheres de Joinville e até da região, como **Erondina Borges Batista**, conhecida como "Dina", que morava na Vila da Glória, em São Francisco do Sul. A comunicação com essas colaboradoras era feita inclusive por rádio, por meio do qual combinava a entrega dos materiais e o retorno das peças. Em Joinville, uma de suas várias colaboradoras era **Leni Borges**.

Ela iniciava as peças e as bordadeiras as terminavam. Segundo Gisela, a sogra responsabilizava-se pelas flores, enquanto as outras faziam as sombras e as folhas. Também escolhia as cores e fornecia os fios já calculados para as bordadeiras. O acabamento, considerado fundamental para a qualidade das peças, permanecia sob sua responsabilidade exclusiva: "Era só ela quem engomava. Cada uma fazia um pedacinho e no final ela unia tudo e fazia o acabamento. O acabamento era dela!" Ao mesmo tempo, Maria Salete revela que a irmã, Erondina, bordava todo o motivo, algumas vezes, quando o bordado era grande, com a ajuda de um bastidor. Leni Borges também bordava com bastidor.

A produção de Eugênia abrangia uma grande variedade de objetos, como leques, lencinhos, toalhas, toalhinhas para decorar os móveis, roupas e babadores de bebê, quadros, cinzeiros, bandejas, bolsinhas, entre outros. "Ela começou bordando os leques. Minha mãe falou que ela comprava direto do seu João [João Hansen, fundador da Cia Hansen,





Apresentação diferenciada em papelão, desenvolvida por Eugênia Koch Kumlehn, servia para os bordados não amassarem.

hoje Grupo Tigre]. Mas não bordava para a Hansen. Ela comprava, bordava e vendia separadamente. No começo ela fazia isso tudo [as demais peças], mas dava muito trabalho. Depois se restringiu mais às toalhas, porque os quadros tinham que ser emoldurados na Casa Pieper [tradicional vidraçaria de Joinville], o que era mais gasto. Então, praticamente abandonou. Mas no começo, quando era mais nova, ela se dedicava realmente a fazer os quadros. Tinha muita criatividade", revela a neta Maria Eugênia Jensen, comentando que a avó geralmente não usava tecidos brancos como base, preferia tons de bege ou de areia.

Ao fazer peças diversificadas (como quadros e bandejas) e com apresentação diferenciada (como as toalhinhas convencionais fixadas em papelão costurado para não amassarem), Eugênia agregava valor aos seus bordados, fazendo com que eles virassem objetos de desejo e fossem considerados peças de arte.

Seu trabalho ganhou visibilidade em exposições, entre elas a Exposição de Flores e Artes (EFA), onde eram apresentados em espaços próprios, uma distinção para poucas profissionais.

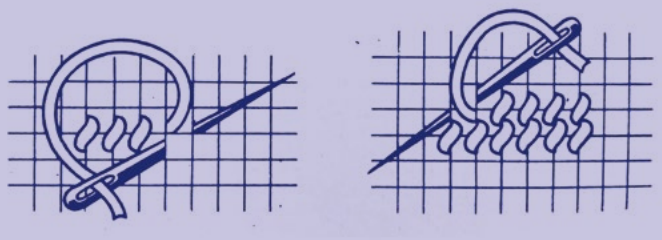
A neta de Eugênia Kumlehn conta que a avó também promovia exposições em casa, divulgando e vendendo suas criações. E chegou a ter uma parceria com o então prefeito de Joinville Luiz Henrique da Silveira, que presenteava com seus quadros os visitantes importantes da cidade. Eugênia bordou até por volta de 1977 e faleceu em 1991.

Técnica, processos e instrumentos

TIPO DE BORDADO
Meio ponto em voal

PONTOS UTILIZADOS
- Meio ponto – Apenas o primeiro ponto, em diagonal, do ponto cruz.
- Ponto Sombra – Técnica em que o bordado é executado pelo avesso do tecido e se revela do lado direito.

EXECUÇÃO DO PONTO
O meio ponto consiste na primeira diagonal do ponto cruz tradicional.



1 2

INSTRUMENTOS DE TRABALHO
Agulha finíssima com ponta, bastidor.

MATERIAIS

Tecido
Voal.

Linhas
Linha de bordar mouliné, de seis fios, marca nacional Âncora e importadas Clark-Anchor, DMC, Mez.

MOTIVOS
Florais e folhas. Os buquês de rosas eram um motivo recorrente.

CORES
Ampla variação cromática, com a utilização de vários tons de uma mesma cor (cerca de cinco tonalidades) para realizar efeitos de luz e sombra e proporcionar o aspecto de “pintura”.

ACABAMENTOS
Crochê, com a linha mercer crochet e linha de bordar à máquina Âncora. Podia ser usada a linha Mercer 60, 80 ou 100 no crochê. Quanto maior o número, mais fino o fio. Ao final, as peças eram engomadas.



Linha de bordar mouliné, novelo de linha mercer, linha de bordar à máquina, agulha finíssima com ponta e voal.

Maria Eugênia Jensen comenta que a avó, **Eugênia Kumlehn**, tinha uma organização própria para os fios: "Ela tinha o papelzinho padrão, onde colocava a meada que estava em uso com o número da cor. Hoje em dia a gente compra de plástico."

Segundo **Maria Salete Heidecke**, sua irmã **Erondina Borges Batista**, bordadeira de Eugênia, preparava previamente várias agulhas com as diferentes tonalidades de linha que utilizaria no bordado, com o objetivo de facilitar a execução da peça.

Eugênia Kumlehn fazia pessoalmente o acabamento de suas peças, como explicou sua nora **Gisela Kumlehn**: "Fazia uma goma de araruta. Depois, colocava as toalhas em cima de uma mesa e abria bem certinho. Pegava ponta por ponta, prendia com alfinetes, passava aquela goma com um paninho pelo avesso, deixava secar e depois passava. Ficava durinho."

MODO DE FAZER

- Os motivos podiam ser inspirados e adaptados de gráficos para ponto cruz ou gobelin, encontrados em revistas importadas da Europa. As bordadeiras também faziam pequenas amostras com os motivos a serem executados.
- O tecido era alinhavado para marcar a posição do bordado realizado com ponto contado.
- O motivo é contado a partir de um gráfico ou de uma amostra, contando os fios da trama do voal para posicionar os pontos.
- O tecido é apoiado sobre o dedo indicador para controlar a tensão e manter a regularidade do bordado. Em motivos maiores, pode-se utilizar o bastidor para manter o tecido esticado.



Preparação para bordar.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo Arno Kumlehn
(neto de Eugênia Kumlehn)

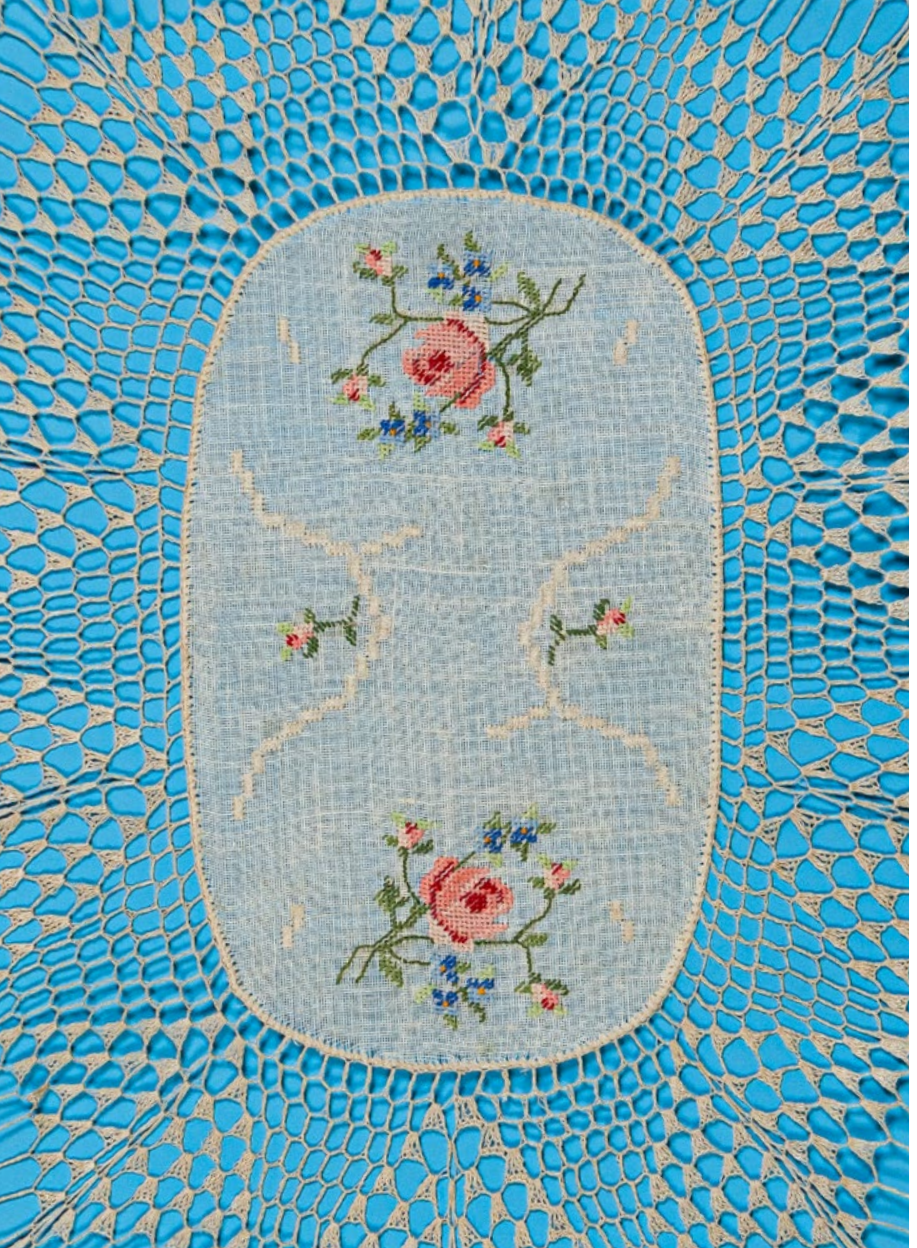
BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

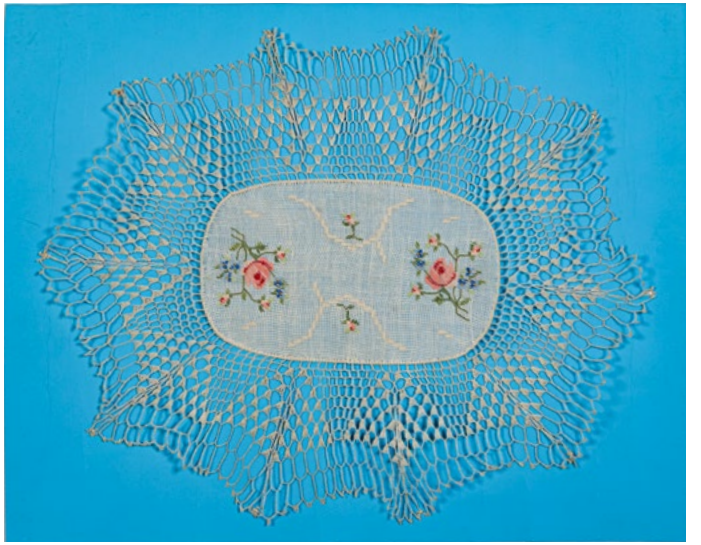
DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1970

MEDIDAS
37 cm × 46 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Bandeja emoldurada com bordado, executada em voal, com linha mouliné de algodão bordada com um fio. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente rosas e folhas. Acabamento em moldura e vidro feito na vidraçaria Casa Pieper, antiga loja de Joinville.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo Arno Kumlehn (neto de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

MEDIDAS
27 cm × 33 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa usada sobre bandeja ou embaixo de vaso, bordada em voal, com linha mouliné de algodão bordada com um fio. O bordado foi executado em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, azul-hortênsia e verde. Os motivos são rosas com folhas. Acabamento em crochê. A peça era entregue costurada em papelão para preservar sua integridade.

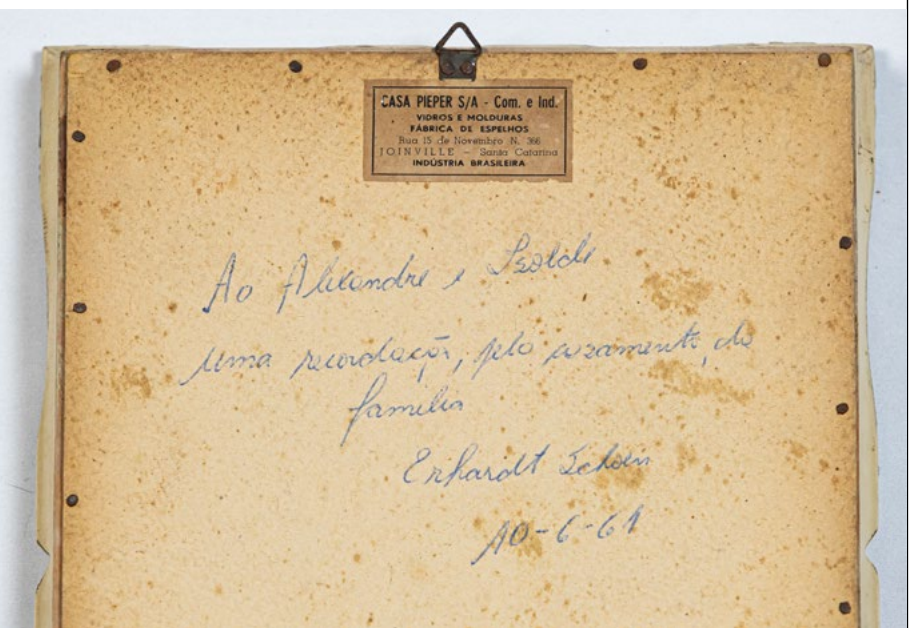


PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de
Milene Wittwer Butzke

BORDADEIRA E RISCO
Ilse Schoen

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1961

MEDIDAS
21 cm × 28 cm





IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Bandeja emoldurada com bordado, executada em voal, com linha mouliné de algodão bordada com um fio. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente rosas e folhas. Acabamento em moldura e vidro feito na vidraçaria Casa Pieper, antiga loja de Joinville.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Karin Schoen Singendonk (filha de Ilse Schoen)

BORDADEIRA E RISCO
Ilse Schoen

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1944

MEDIDAS
40 cm × 142 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trata-se de uma camisola, peça de vestuário íntimo e decorativo, executada em voal, com linha mouliné Âncora. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são rosa, verde, azul e amarelo, em diferentes tons. Os motivos são rosas e folhas. A camisola foi produzida em comemoração aos 10 anos de casamento de Ilse Schoen e recebeu medalha de ouro na Exposição Industrial realizada durante as comemorações do Centenário de Joinville, em 9 de março de 1951. Acabamento em renda fina.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo Arno Kumlehn (neto de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1970

MEDIDAS
19 cm × 27 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Par de quadros bordados em voal, com linha mouliné de algodão bordada com um fio. O bordado foi executado em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores e folhas. Moldura dourada feita na vidraçaria Casa Pieper.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Karin Schoen Singendonk, doado para Ana Gern

BORDADEIRA E RISCO
Ilse Schoen (mãe de Karin Schoen Singendonk)

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1944

MEDIDAS
Babador: 19 cm × 22 cm; 17 cm × 17 cm; 11 cm × 19 cm
Toalha: 30 cm × 42 cm; 19 cm × 23 cm
Quadro: 20 cm × 20 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto de amostras de bordado utilizado como referência para a produção de peças (babador, toalha, lenço e quadro). As amostras apresentam numeração de identificação e diferentes motivos decorativos. Foram executadas em voal, com linha moulinê Âncora. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria Eugênia Jensen (neta de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1950

MEDIDAS
Bolsa maior: 26 cm × 35 cm
Bolsa menor: 20 cm × 41 cm
Carteira: 9 cm × 17 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto composto por duas bolsas e uma carteira, executadas em voal, com linha moulinê Âncora. O bordado em voal foi aplicado sobre uma base de veludo. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente rosas e folhas. As duas bolsas foram feitas para Eugênia Kumlehn e a carteira para a mãe de Maria Eugênia Jensen.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Arno Kumlehn
(neto de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1970

MEDIDAS
27 cm × 27 cm; 24 cm × 24 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto de lenços de bolso executados em voal, com linha Âncora. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. Acabamento em crochê na borda.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria Eugênia Jensen (neta de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1959/1960

MEDIDAS
19 cm × 24 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Babador infantil executado em voal com linha Âncora. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. A peça apresenta diferentes tonalidades aplicadas aos motivos florais. Acabamento em renda fina. O babador foi feito para a neta Maria Eugênia e usada também pela bisneta e tataraneta.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria Eugênia Jensen (neta de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

MEDIDAS
22 cm × 26 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa executada em voal com linha Âncora.
O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente rosas e folhas. Acabamento em crochê.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria Eugênia Jensen (neta de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1959

MEDIDAS
168 cm × 225 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Colcha bordada, executada em voal com linha Âncora.
O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente buquês de rosas e folhas. Fez parte do enxoval de casamento da mãe de Maria Eugênia Jensen.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria Eugênia Jensen (neta de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1950

MEDIDAS
26 cm × 50 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trata-se de um leque bordado em meio ponto e ponto sombra, executado em voal, com linha Âncora. O suporte do leque foi produzido pelo Grupo Tigre, antiga companhia Hansen, em Joinville, e adquirido pela artesã, que confeccionou o bordado sobre o tecido. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente buquês de rosas e folhas. Foi feito para a mãe de Maria Eugênia Jensen, quando ainda era solteira.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ondina Kunde

BORDADEIRA E RISCO
Ondina Schramm Kunde

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1961

MEDIDAS
37 cm × 40 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trata-se de uma toalha de mesa bordada em meio ponto e ponto sombra em voal, com linha Âncora. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente rosas e folhas. Acabamento em crochê com linha Mercer Crochet.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Elisabeth Keller Bender

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1961

MEDIDAS
64 cm × 120 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Centro de mesa executado em voal, com linha Âncora.
O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra.
As cores predominantes são tons de vermelho, rosa,
lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo.
Os motivos são flores, principalmente buquês de rosas
e folhas. Acabamento em crochê.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria Eugênia Jensen (neta de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1962

MEDIDAS
40 cm × 56 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Vestido de batizado da Maria Eugênia Jensen executado em voal, com linha Âncora. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente buquês de rosas e folhas.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria Eugênia Jensen (neta de Eugênia Kumlehn)

BORDADEIRA E RISCO
Eugênia Kumlehn

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1959/1960

MEDIDAS
Diâmetro de 9 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto de minitoalhas redondas executadas em voal, com linha Âncora. O bordado foi feito em meio ponto e ponto sombra. As cores predominantes são tons de vermelho, rosa, lilás, azul-hortênsia, verde, verde-água, marrom e amarelo. Os motivos são flores, principalmente rosas e folhas. Acabamento em crochê fino.



Bordado em Ponto Cheio Reto

Uma das técnicas mais antigas do bordado, o ponto cheio reto é caracterizado pela execução dos pontos sempre no mesmo sentido, acompanhando a trama do tecido. Ele garante preenchimento total e contínuo do motivo, aliado a linhas limpas e direcionadas, criando áreas de solidez, definição das formas e ritmo visual.

Em Joinville e região o bordado em ponto cheio reto também é conhecido como "bordado para um lado", em alusão à própria forma de executar a técnica.

Este bordado foi amplamente utilizado pelas senhoras ao longo do século XX. **Darci Schmalz** explica que a mãe já bordava e riscava modelos do "bordado para um lado só" e que a ensinou a bordar ainda pequena. Posteriormente, ela teve aulas de bordado à mão com a professora **Laura Andrade**, no Colégio Bom Jesus, em Joinville, e aos 15 anos já utilizava a técnica do ponto cheio reto em seu enxoval.

O mesmo ocorreu com **Inge Maria Wetzel da Silva**. Sua mãe, **Carmem Wetzel** (nascida Trinks em 1912 e falecida em 1998), costumava bordar e costu-

rar as roupas da filha, enfeitando-as com bordados. Carmem fazia vários tipos de bordados, entre eles o ponto cheio reto e sua filha ainda guarda, emoldurada, uma peça que ela fez para seu enxoval, entre o final da década de 1920 e início da década de 1930. Assim como tantas meninas e moças da época, Inge observava a mãe em casa e aprendeu a bordar e fazer crochê no "Colégio das Irmãs" (na época Colégio São Vicente de Paula, posteriormente Colégio dos Santos Anjos).

Entre as profissionais que se destacaram nesta técnica está dona **Margot Wetzel** (nascida Wiering, em 1912 e falecida em 2002), tia de Inge. Como tantas mulheres de sua época, ela fez do bordado um ofício.

Por volta de 1944, ela começou a bordar profissionalmente em ponto cheio reto para ajudar no sustento da família e custear o tratamento do filho Nelson Wetzel, conhecido como Juca, nascido em 1940 com catarata congênita.

Margot atuou principalmente entre as décadas de 1940 e 1990 e criou uma identidade própria, reconhecida até hoje. Ela desenvolvia seus próprios riscos em ponto cheio reto, que combinavam motivos florais e arabescos, e mantinha um ateliê nos fundos da casa, onde comercializava bordados prontos, tecidos para o bordado, linhas e, principalmente, "kits" com o tecido riscado, as cores marcadas, as linhas já na quantidade exata que seria usada e o bordado iniciado. Recebia revistas e publicações da Alemanha, enviadas por parentes, que serviam de referência para seus trabalhos em bordado.

Também riscava toalhas para ponto cruz e

mantinha funcionárias para ajudá-la com as encomendas. Entre as bordadeiras estavam **Yolanda Daher**, **Isolde Bauer**, **Marlene Wetzel** (nora de Margot), e **Selvira Tieges**, conhecida como "Silvia".

Segundo as primas **Astrid Lorenz**, **Brigitte Campos Jordan** e **Inge Maria Wetzel Silva**, sobrinhas de **Margot Wetzel**, ela incentivava as clientes a terminarem a peça em casa.

Por volta de 1972, com a queda nas vendas dos bordados em ponto cheio reto, Margot passou a produzir tapetes e panôs em tapeçaria, utilizando a técnica de kilim. Nessa etapa, contou com a ajuda da filha. Para os trabalhos em kilim, comprava lã na loja Cori, escolhendo as cores por número e partida.

No ponto cheio reto, o processo de trabalho de Margot Wetzel tinha algumas características, a começar pela produção dos riscos e a passagem deles para o tecido. Os riscos eram em papel manteiga e Margot os perfurava com a ajuda de uma ferramenta própria para isso (**Regina Berg** atribui a ela a criação do instrumento), formando pequenos orifícios que eram posteriormente preenchidos com uma pasta à base de grafite e gasolina ou querosene. Ao pressionar o molde sobre o tecido, essa mistura atravessava os furinhos, permitindo reproduzir o desenho.

Esta pasta tinha um cheiro característico, que ficou na memória de quem teve contato com os bordados. "O Juca (filho de Margot) sempre vinha nos aniversários da gente, costumava-se convidar os primos. E, claro, ele sempre trazia uma toalha, geralmente essas de ponto reto. O cheiro me vem

à cabeça. Cheirava à gasolina, isso era forte", relata **Brigitte Jordan Campos**.

Ela continuou bordando até aproximadamente o ano 2000, cerca de dois anos antes de falecer.

Neta de Margot, **Elaine Wetzel** conta que para precificar os trabalhos, a avó utilizava um código associado a uma palavra de dez letras, sem repetição, em que cada letra correspondia a um dos algarismos de zero a nove.

Boa parte de seus riscos permanecem preservados hoje com **Regina Berg**, que os adquiriu na década de 1990, quando Margot já havia fechado seu ateliê. "Ela tinha um rancho, mas acho que de cimento, com uma mesa grande. Um pouco eu me lembro, porque lá eu fui poucas vezes. Daí ela disse: 'Eu tenho tudo isso aqui, você quer?' Eu disse: Quero! Paguei uma parte em dinheiro e uma parte com lã."

Outras senhoras conhecidas por riscar tecidos para bordar eram **Lilly Grünsch** (nascida Boehm, em 1906) e sua sobrinha **Serena Ivone Baumer da Luz**, de 98 anos (nascida Baumer, em 1928).

Eliane Schünemann conta que a mãe, conhecida como "Frau da Luz" riscou toalhas para bordar durante mais de 40 anos. Ela começou a atividade no início dos anos 1970, seguindo os passos da tia, **Lilly Grünsch**, que já riscava bordados para vender em sua loja, nas lojas das irmãs e de outros familiares, no comércio em geral – e também diretamente para a comunidade.

Os produtos riscados por **Frau da Luz** podiam ser encontrados na Casa Willy, nos secos e molhados de Alfredinho Boehm, de Fernando Tilp e da Mausi, no comércio da família Guse e na Comercial Busse, entre outros conhecidos de Joinville. Também era vendido em São Francisco do Sul, no comércio de Elsa Boehm Rhinow, uma das irmãs Boehm.

"Havia moldes para bordar ponto cruz, mas a grande maioria era ponto cheio. Eu tenho muitas toalhas bordadas que ela riscou. Muitas senhoras bordavam com esmero, alguns pareciam até pinturas de tão perfeitos", explica Eliane.



Cânhamo grosso, cânhamo grosso misto, e cânhamo fino.

Técnica, processos e instrumentos

TIPO DE BORDADO
Ponto cheio reto

PONTOS UTILIZADOS
- Ponto cheio reto – Caracterizado pelos pontos bordados no mesmo sentido, acompanhando a trama do tecido.
- Ponto haste
- Nó francês
- Ponto picuru (ou palestrina)
- Crivo e crivo falso

EXECUÇÃO DO PONTO
Introduza a agulha pelo avesso e saia no centro do desenho. Puxe a linha e cruze a figura de um lado ao outro, seguindo a trama do tecido, sempre para um mesmo lado. Esse primeiro ponto serve como régua principal para os próximos. Borda-se do centro para uma extremidade e depois para a outra.



INSTRUMENTOS DE TRABALHO
Agulha sem ponta conforme a linha.

MATERIAIS

Tecido
Cânhamo grosso, cânhamo grosso misto, cânhamo fino, linhão.

Linhas
Torçal suave (no cânhamo grosso), torçal Pérola (no cânhamo fino), linhas da ARP (linha brilhante Pérola). Também havia linhas da Hering (fina e grossa) e da Círculo (linha Santa Catarina - fina e grossa). Atualmente, linhas Anne (no cânhamo grosso) e Clea (no cânhamo fino).

MOTIVOS
Florais e arabescos.

CORES
Ampla variação cromática, com a utilização de vários tons de uma mesma cor para realizar efeitos de luz e sombra.

ACABAMENTOS
Crochê, bainha aberta e desfiado com franjas.
Ao final, as peças eram engomadas.



Linhas para bordar o ponto cheio.

MODO DE FAZER

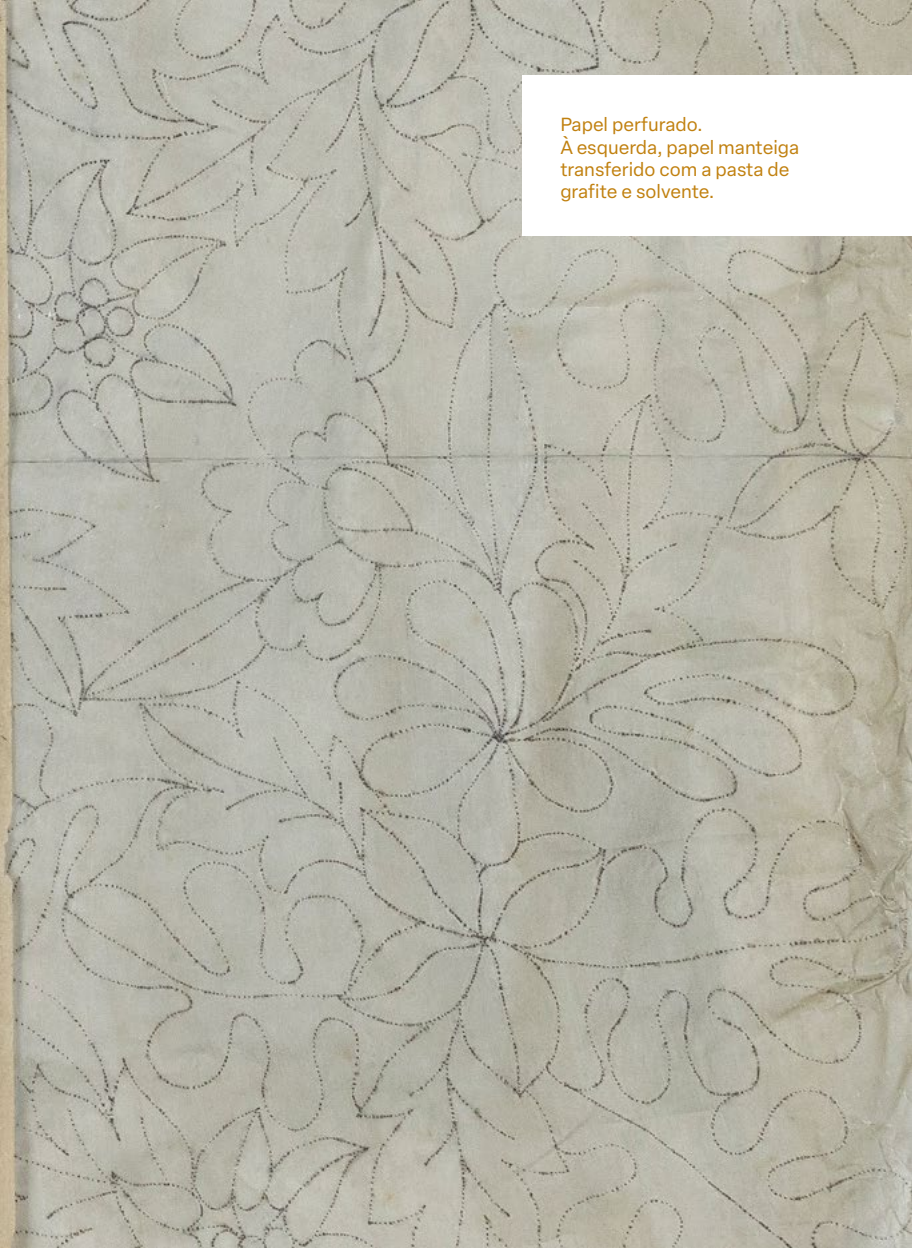
- O risco é desenhado no papel manteiga, perfurado e transferido para o tecido. Para a transferência era usada uma pasta à base de grafite e de um solvente. Com o tempo, passou-se a usar carbono e, atualmente, mesa de luz.
- É realizada a marcação das cores nos motivos.
- O tecido deve estar esticado (no bastidor ou na mão) para evitar que a tensão dos pontos enrugue o pano.
- Inicia-se o bordado, de acordo com o risco.

  Ao final, é realizado o acabamento, lavando, passando pelo avesso e engomando a peça.

Segundo **Regina Berg**, **Margot Wetzel** criou uma ferramenta que perfurava o papel manteiga, formando pequenos orifícios que eram posteriormente preenchidos com a mistura de grafite e gasolina ou querosene. Ao pressionar o molde sobre o tecido, essa mistura atravessava os furinhos, permitindo reproduzir o desenho no tecido.

Filha de **Serena Ivone Baumer da Luz**, **Eliane Schünemann** também detalha o uso da pasta preta: "A tia **Lilly Grünsch** riscava, mas chegou um tempo em que não quis mais fazer os riscos e passou tudo para minha mãe. E junto veio a tal pasta preta. Para o risco passar para o pano, ela usava um tipo de esponja que molhava na gasolina e depois passava na pasta para então aplicar no molde de papel que já estava sobre o tecido. Dava muito trabalho, pois tudo era medido milimetricamente. Não podia ter erro. O risco era feito sobre um papel croquis, todo furado com a pontinha da agulha. Tudo feito à mão. Era trabalho para muitas horas. Depois disso era aplicado no tecido, que podia ser pano saco ou cânhamo, etamine ou granitê – não sei se ainda existem na atualidade. Risco feito, iam para o bordado. "





Papel perfurado.
À esquerda, papel manteiga transferido com a pasta de grafite e solvente.

Receita da pasta usada por Alice Baumer, Lilly Grünch e Serena Ivone Baumer da Luz:

- Três colheres de pó xadrez preto (peneirar)
- 100 gramas parafina branca (cortar em pedacinhos)
- Derreter numa lata os dois juntos. Colocar na chama do gás em fogo baixo, com cuidado para não pegar fogo.
- Mexer até estar diluído e bem misturado. Deixar esfriar

É bom pôr a lata em uma forma de cuíca pequena para não ficar tão perto da chama.

Regina Berg recorda que Margot utilizava uma nomenclatura diferenciada para os tons de cores. Ela chamava o tom coral, o "alaranjado-terra", de "brique", denominação também utilizada comercialmente na época. Um determinado tom de verde, era chamado por ela de "verde veneno". Elaine Wetzel, neta de Margot, também lembra que a avó chamava o tom "laranja" de "ferrugem" e o tom de "pêssego" de "abricot". Ela também destaca a habilidade da avó na composição das cores. Já Darci Schmalz destaca que nos trabalhos de Margot predominavam o laranja, o amarelo queimado e o azul, trabalhados em nuances de três tonalidades de cada cor, conferindo profundidade aos motivos. Nos arabescos, ela utilizava uma única tonalidade em cada elemento, diferente de outras bordadeiras que empregavam contrastes entre os tons claros e escuros.

Darci conta ainda que Margot Wetzel utilizava linhas mais grossas, como as da Hering e da Círculo, na época chamada "Linha Santa Catarina". E as sobrinhas lembram que ela trabalhava com tecidos mais grossos, como o "linhão" (uma mistura de algodão com linho).

Atualmente, nos bordados da região de Joinville, observa-se uma variação da técnica tradicional do ponto cheio reto. Os pontos são partidos na mesma altura, não contínuos. O uso de luz e sombra também foi alterado. Ao invés de combinar tons claros e escuros num mesmo elemento, passou-se a trabalhar com áreas distintas de tonalidade.



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em granitê em tom avermelhado terroso, conhecido como cor “brique”. O bordado foi executado em ponto cheio reto, ponto haste e ponto picuru. As flores e folhas são bordadas nas cores amarelo-mostarda, creme e marrom, com as folhas em tons de verde, que se destacam sobre o fundo avermelhado da toalha.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de
Astrid Wetzel Lorenz

BORDADEIRA
Erica Luiza Lepper Wetzel
(mãe de Astrid)

RISCO
Margot Wetzel

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1950

MEDIDAS
115 cm × 120 cm





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Regina Berg

BORDADEIRA
Gerda Ewald

RISCO
Margot Wetzel

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
2004

MEDIDAS
31 cm × 50 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em cânhamo grosso misto. O bordado foi executado em ponto cheio reto e ponto haste, com linha grossa da Hering. As cores predominantes são azul, rosa e vermelho. Os motivos são flores e arabescos. Acabamento em barra de crochê em tom bege.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Milene Wittwer

BORDADEIRA E RISCO
Isolde Jahn Wittwer
(mãe de Milene)

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1960

MEDIDAS
119 cm × 123 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em cânhamo grosso misto. O bordado foi executado em ponto cheio reto, ponto haste e crivo falso.
As cores predominantes são azul, rosa, lilás, verde, amarelo e marrom. Os motivos são florais e arabescos.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Milene Wittwer

BORDADEIRA E RISCO
Ida Ernesta Felícia Wittwer
(avó paterna de Milene
e Isolde Jahn Wittwer)

**DATA APROXIMADA
DE PRODUÇÃO**
1960

MEDIDAS
133 cm × 139 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em linhão.
O bordado foi executado em
ponto cheio reto, ponto haste,
ponto correntinha e ponto atrás.
Os motivos são alusivos
à Páscoa, com coelhos e flores.
Acabamento em crochê.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Maria de Fátima Barbosa Schlickmann

BORDADEIRA
Maria de Fátima Barbosa Schlickmann

RISCO
De uma antiga toalha que Renate Bloemer doou para a Fundação 25 de Julho

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
2012

MEDIDAS
150 cm × 222 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em cânhamo grosso. O bordado foi executado em ponto cheio reto, com linha Anne. Os motivos são margaridas amarelas e brancas.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Darci Schmalz

BORDADEIRA
Darci Schmalz

RISCO
Margot Wetzel

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1954

MEDIDAS
75 cm × 75 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em cânhamo grosso misto. O bordado foi executado em ponto cheio reto, ponto haste, crivo e nó francês, com linha grossa Santa Catarina, da Círculo. As cores predominantes são azul, laranja, amarelo, branco, verde e marrom, em diferentes tons.
Os motivos são flores, folhas e arabescos.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Brigitte Jordan Campos

BORDADEIRA
Elinor Wetzel (mãe de Brigitte)

RISCO
Margot Wetzel

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década 1940 ou 1950

MEDIDAS
138 cm × 237 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa oval bordada em cânhamo grosso. O bordado foi executado em ponto cheio reto, nó francês, ponto haste e ponto cruz “alternado”. As cores predominantes são tons de azul, tons de laranja, tons de amarelo, tons de marrom e tons de verde. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em bainha.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ana Gern

BORDADEIRA
Celeste Margela Hatje de Moraes
(avó de Ana Gern)

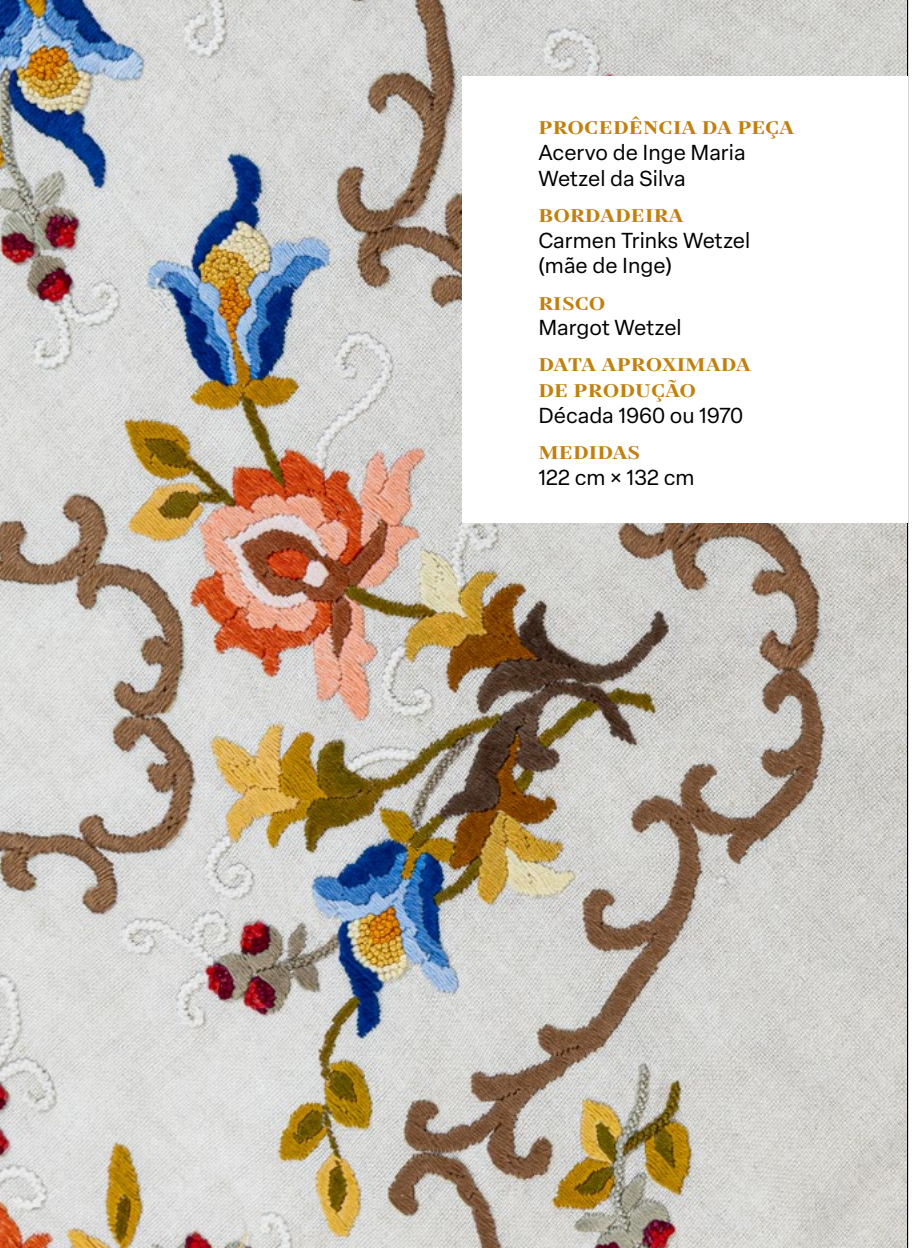
RISCO
Comprado na antiga loja
de aviamentos “Krelling”,
na Rua XV de Novembro, onde
posteriormente funcionou o
antigo restaurante Bierkeller

**DATA APROXIMADA
DE PRODUÇÃO**
1950

MEDIDAS
95 cm × 98 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa bordada
em cânhamo fino. O bordado
foi executado em ponto cheio
reto, ponto haste e nó francês.
As cores predominantes são
vermelho-rosa, azul, verde
e marrom, em diferentes tons.
Os motivos são flores, folhas
e arabescos.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Inge Maria Wetzel da Silva

BORDADEIRA
Carmen Trinks Wetzel (mãe de Inge)

RISCO
Margot Wetzel

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década 1960 ou 1970

MEDIDAS
122 cm × 132 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em tecido linhão. O bordado foi executado em ponto cheio reto, nó francês e ponto picuru. As cores predominantes são azul, rosa-salmão, vermelho e marrom, em diferentes tons, além de verde-caqui, cinza-claro e branco. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em crochê.



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa bordada em cânhamo grosso. O bordado foi executado em ponto cheio reto, nó francês, ponto picuru e ponto haste. As cores predominantes são verde-caqui, branco, amarelo e marrom. Os motivos são margaridas, folhas e arabescos. Acabamento em barra bordada e desfiada.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Inge Maria Wetzel da Silva

BORDADEIRA
Carmen Trinks Wetzel (mãe de Inge)

RISCO
Margot Wetzel

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década 1960 ou 1970

MEDIDAS
68 cm × 74 cm



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Inge Maria Wetzel da Silva

BORDADEIRA
Carmen Trinks Wetzel (mãe de Inge)

RISCO
Margot Wetzel

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década 1960 ou 1970

MEDIDAS
138 cm × 143 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em tecido de cânhamo grosso misto. O bordado foi executado em ponto cheio reto, ponto picuru e ponto haste. As cores predominantes são verde, azul, amarelo e marrom, em diferentes tons. Os motivos são flores e folhas. Acabamento em barra bordada e desfiada.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Astrid Wetzel Lorenz

BORDADEIRA
Astrid Wetzel Lorenz

RISCO
Margot Wetzel

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1950

MEDIDAS
82 cm × 85 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha bordada em cânhamo fino. O bordado foi executado em ponto cheio reto, nó francês e ponto haste. As cores predominantes são rosa-salmão, vermelho, marrom e verde. O motivo é floral, formando uma guirlanda central.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Lori Grossklaus Altmann

BORDADEIRA
Lori Grossklaus Altmann

RISCO
Elaborado por Lori, a partir de referências de riscos de amor-perfeito

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
2026

MEDIDAS
45 cm × 45 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Capa de almofada bordada em cânhamo grosso. O bordado foi executado em ponto cheio reto e ponto haste, com linha Anne. As cores predominantes são laranja com tons de marrom, tons de amarelo com marrom e tons de verde. O motivo é floral, com flor de amor-perfeito.

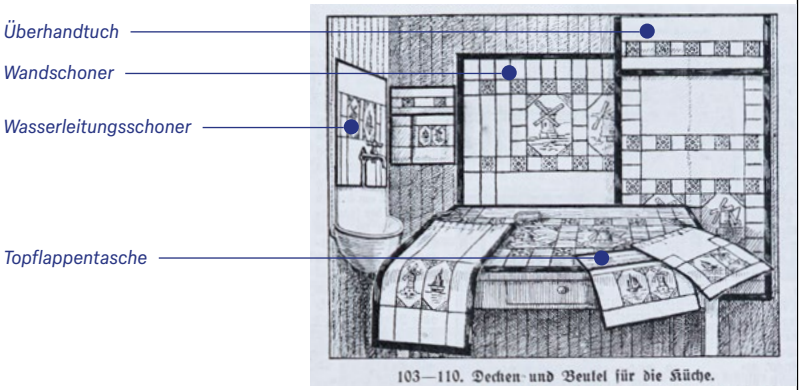


Wandschoner

Os *Wandschoner* são panos de parede bordados, que tinham função prioritariamente protetora e decorativa. Em alemão, *"Wand"* significa parede e *"Schoner"* vem de *"schonen"*, no sentido de proteger, por isto "protetor de parede". Eram usados principalmente junto à pia e à torneira ou atrás do fogão para evitar que os respingos de água ou da gordura e fuligem sujassem as paredes.

Eles integravam um conjunto de têxteis domésticos para a cozinha, e eram usados também para organizar, proteger e ornamentar o ambiente. Neste conjunto podiam ser encontrados:

- *Wandschoner* – pano de proteção de parede, usado em geral na cozinha;
- *Überhandtuch* – pano para cobrir a toalha de mão ou de louça, que era geralmente feita de saco;
- *Topflappentasche* – bolsa para guardar pegadores de panela;
- *Wasserleitungsschoner* – pano para proteger a parede dos respingos da água, junto à torneira ou à pia.



Darci Schmalz conta que quando era menina, na década de 1940, as casas ainda tinham ganchos nas varandas para pendurar sacos de pão, *Brotbeulter*, que também faziam parte deste conjunto de têxteis. De madrugada, os padeiros colocavam o pão fresco diretamente nesses sacos, enquanto os leiteiros deixavam as garrafas (geralmente brancas) ao lado dos sacos. "De manhã cedo, quando você ia fazer o café, tinha o pão e o leite em casa", conta.

Em um período de escassez como as primeiras décadas de colonização, os *Wandschoner* também se constituíram em uma saída engenhosa para a organização da casa, o que demonstra a capacidade de adaptação e inteligência prática das imigrantes da região. Na ausência de recursos, muitas vezes elas substituíam portas e móveis de armazenamento não disponíveis na época e usavam os *Überhandtuch*, por exemplo, na frente de móveis ou prateleiras para esconder os panos velhos e puídos.

Eles também podiam ser utilizados como itens decorativos na sala e até nos quartos. No livreto "Entrelaçando histórias", de 2010, **Jutta Hagemann** (nascida em 1926, *in memoriam*), uma referência na preservação da memória de Joinville, lembrou que os *Wandschoner* decoravam e protegiam as paredes dos quartos dela e dos irmãos, bordados com motivos de histórias infantis como a da Branca de Neve. No acervo do MNIC consta um *Wandschoner* bordado em ponto cruz, em etamine, com o motivo de Branca de Neve e os Sete Anões. O autor da peça, porém, não está identificado.

Entre suas principais características está a presença de ditados populares, citações bíblicas e até frases espirituosas – sempre no idioma falado pela família. Na região de Joinville, predominava o alemão. Assim, expressavam ensinamentos, sentimentos, crenças e desejos, fazendo com que também se firmassem como uma forma de registrar e transmitir os valores da família.

No mesmo livreto, a historiadora **Raquel Santiago** revela que estes panos de parede eram comuns em Joinville ao longo da segunda metade do século XIX e conta um pouco sobre os materiais utilizados:

> "O *Wandschoner* foi o bordado mais usado nos primeiros tempos da colônia por ser popular. Eram feitos em tecidos de sacos de trigo, de onde também se buscava o fio, desfiando o tecido.
> Em geral o *Wandschoner* tem no centro uma mensagem bordada, como um provérbio

popular ou determinada citação bíblica, ou mesmo agradecendo a Deus, sempre escritos em alemão. Com o passar do tempo, as mensagens tornaram-se recomendações ou frases jocosas. Em torno da mensagem geralmente são bordados ramos de flores nas cores azul e vermelho. Nas paredes, refletem e transmitem valores e normas das famílias."

O texto da historiadora traz ainda o relato de senhoras como **Wally Schossland** (*in memoriam*), que revelaram a simbologia das cores predominantemente usadas, como o azul, que representa a fidelidade, ou o vermelho, o amor. Bordadeira profissional, **Ingrid Welling** (*in memoriam*) explicava no texto que a cor azul predominava nos trabalhos por ser "mais firme", ou seja, não desbotar.

Os *Wandschoner* ainda eram comuns até pelo menos a primeira metade do século XX e foram ficando mais raros a partir da 2ª Guerra Mundial. Mesmo assim, senhoras nascidas a partir da década de 1930 e 40 ainda lembram da presença deles nas paredes da casa de suas mães ou avós, como **Norma Ladis Kricheldorf** (nascida Fiedler, em 1945). Ela lembra que os panos protetores de parede também eram peças de enxoval. No acervo do MNIC consta um *Wandschoner* bordado no início da década de 1950 por **Jutta Wendel** (nascida Güttschow em 1930 e falecida em 1983), para seu enxoval. Jutta foi eleita miss Joinville em 1951 e, por isto recebeu o título de Rainha do Centenário de Joinville, naquele ano. Traduzidos, os dizeres em alemão significam: "Alegria no coração, a casa em paz, é a sorte que a vida nos traz."

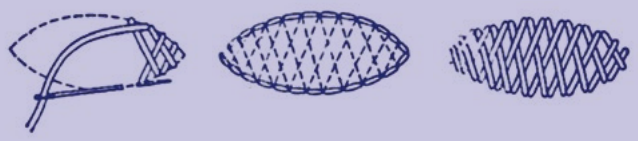
Técnica, processos e instrumentos

TIPO DE BORDADO
Wandschoner

PONTOS UTILIZADOS
Os mais comuns eram o ponto cruz, ponto cheio e ponto haste. Havia, porém, uma grande variedade de pontos, entre os quais se destacam o ponto espinho e ponto bruxa (ou ponto russo).

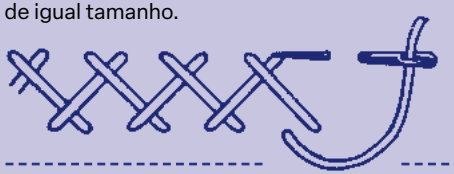
EXECUÇÃO DO PONTO

Ponto espinho (*Kreuznahtstich*)
Faça um pontinho alternadamente em cada lado do espaço a ser preenchido, com a ponta da agulha sempre saindo na beirada do desenho. Duas linhas podem ser traçadas no centro do desenho, como guias para o tratamento do ponto. Os pontos devem ser bem unidos e cruzados uns sobre os outros.



Ponto bruxa ou ponto russo (*Hexenstich*)
Puxe a agulha na linha inferior à esquerda e introduza-a na linha superior um pouco à direita, fazendo um pontinho para a esquerda com a linha abaixo da agulha. A seguir introduza a agulha na linha inferior um pouco à direita e faça um pontinho para a esquerda com a linha acima da agulha. Estes dois movimentos são repetidos até o fim.

Para melhor efeito, o tecido apanhado pela agulha e os espaços entre os pontos devem ser sempre de igual tamanho.



MATERIAIS

Tecido
Etamine, algodão, linho, granitê e sacaria.

Linhas
Fio *Perlgarn*, denominação original em alemão para a chamada linha Pérola, era um dos mais utilizados, conforme manuais de bordado pesquisados.

MOTIVOS
Variados, mas geralmente com os dizeres no idioma da família. Era comum encontrar motivos florais ou holandeses.

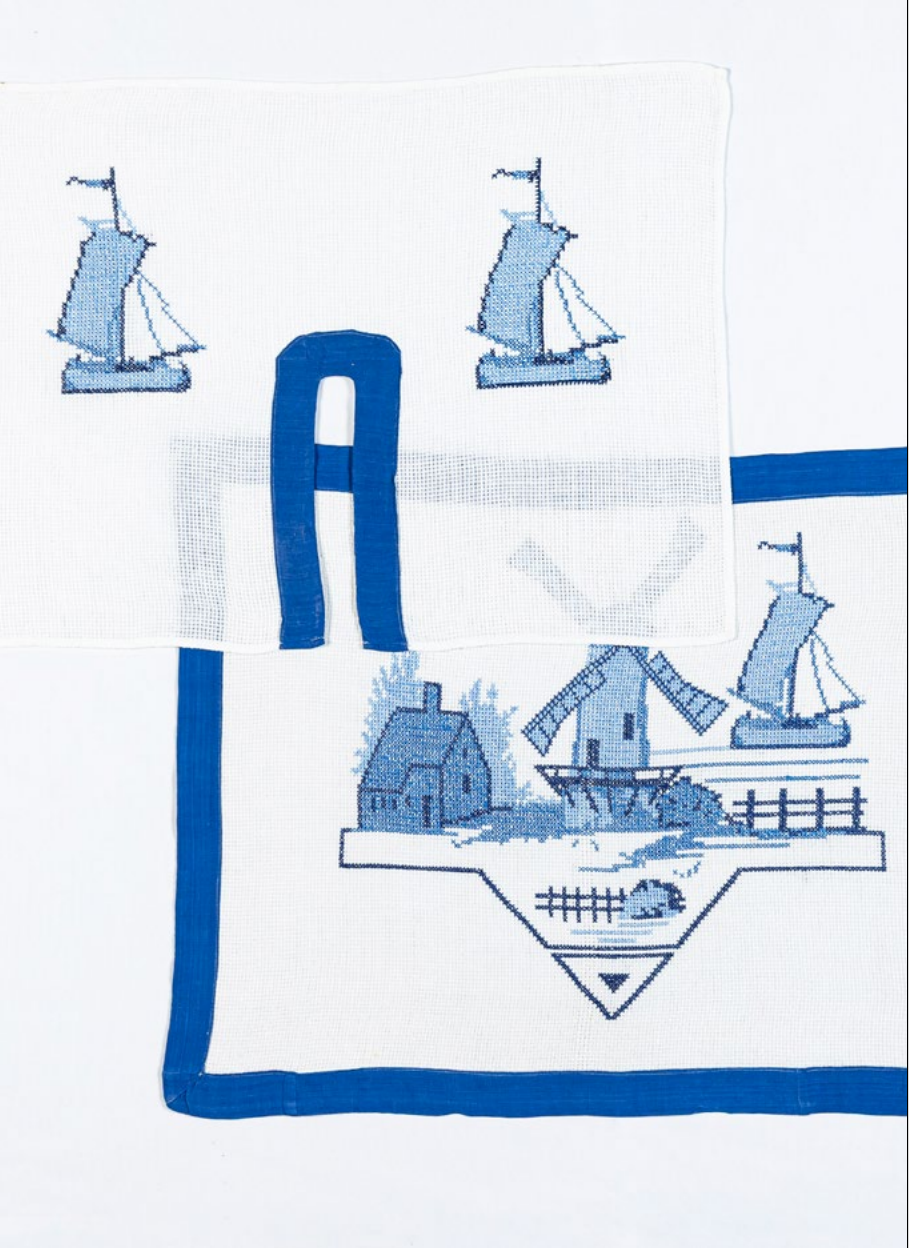
CORES
Predominavam tons de azul e vermelho, de acordo com a simbologia das cores e a disponibilidade na época.

ACABAMENTOS
Geralmente tinham uma faixa de tecido na cor predominante do bordado, formando uma moldura com cantos mitrados.

Os processos de criação dos *Wandschoner* se perderam no tempo, mas algumas histórias e detalhes ainda podem ser destacadas.

Segundo **Adelina Lenshow**, em depoimento ao projeto "Entrelaçando Histórias", de 2010, o "ponto bruxa" (hoje conhecido como ponto russo) era usado para afastar as energias negativas ou "os maus espíritos".

Além disto, em diferentes *Wandschoner* são observadas uma variação do ponto correntinha. Diferente do ponto correntinha tradicional, em que a laçada é fechada e o ponto é formado a partir de dentro, nesta variação a linha sai pela parte inferior e forma uma laçada aberta, que é fixada no tecido. Essa forma de execução pode ser observada, por exemplo, no *Wandschoner* bordado por Celeste Margela Hatje de Moraes, avó de Ana Gern, que integra este catálogo.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Norma Ladis Kricheldorf, doado para Ana Gern

BORDADEIRA
Relinde Welter (mãe de Norma Ladis Kricheldorf)

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1933

MEDIDAS
Pano de proteção de parede: 54 cm × 72 cm;
Protetor para proteger dos respingos de água: 47 cm × 64 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto de duas peças *Wandschoner* (pano de proteção de parede) e *Wasserleitungsschoner* (protetor para proteger dos respingos de água), tradicionalmente utilizados em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. Bordado em ponto cruz, feito em étamine, com linha de bordado pérola, em três tons de azul, apresentando desenhos decorativos que representam o estilo holandês: cena camponesa, moinho, casa e embarcações. Acabamento com moldura em tecido azul e canto mitrado.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Norma Kricheldorf, doado para Ana Gern

BORDADEIRA
Não identificada

DIZER DO BORDADO EM ALEMÃO
Em português: *"Não reclame do amanhã, que dá o esforço e o trabalho. É tão bom cuidar das pessoas que amamos"*

MEDIDAS
69 cm × 92 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Wandschoner – Pano de proteção de parede, tradicionalmente utilizado em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. Bordado em ponto haste e ponto espinho, linho, com linha de bordado nas cores vermelho, lilás, verde, branco e amarelo, aplicada aos motivos florais e ao texto em alemão. Acabamento com moldura em tecido vermelho e canto mitrado.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Norma Ladis Kricheldorf, doado para Ana Gern

BORDADEIRA
Não identificada

MEDIDAS
62 cm × 114 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Überhandtuch – Pano utilizado para cobrir as toalhas de uso cotidiano, geralmente confeccionadas em tecido de saco. Tradicionalmente, fazia parte de um conjunto com o Wandschoner. Bordado em ponto haste, ponto cruz, ponto bruxa, ponto espinho, ponto cheio e ponto caseado, feito em linho, com linha de bordado em dois tons de azul, vermelho, rosa, amarelo, marrom e preto, aplicada ao estilo decorativo inspirado na tradição holandesa: cenas camponesas, figuras típicas e moinhos. Acabamento em crochê.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ana Gern

BORDADEIRA
Não identificada

DIZER DO BORDADO EM ALEMÃO
Em português: *"Deus cuidará de hoje e de amanhã"*

MEDIDAS
62 cm × 148 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Wandschoner – Pano de proteção de parede, tradicionalmente utilizado em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. Bordado em ponto cruz, feito em etamine, com linha de bordado nas cores amarelo, azul, dois tons de vermelho, marrom e rosa, aplicada aos motivos florais com borboleta e ao texto em alemão.



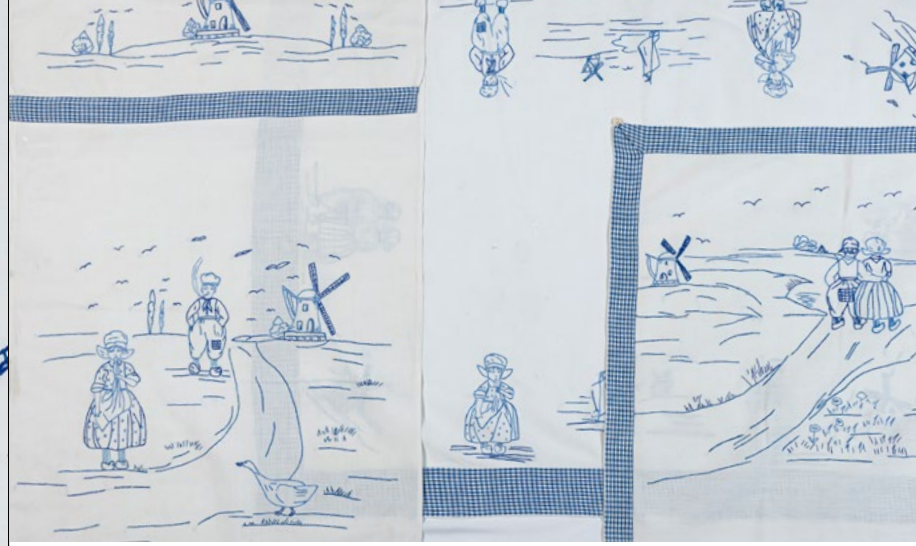
PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ana Gern

BORDADEIRA
Não identificada

MEDIDAS
62 cm × 74 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Wandschoner – Pano de proteção de parede, tradicionalmente utilizado em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. Bordado em ponto haste, ponto cheio e ponto reto em granitê, feito com linha de bordado mesclada em tons de branco e azul, aplicada aos motivos florais e a figuras típicas holandesas. Acabamento com moldura em tecido azul e canto mitrado.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ana Gern

BORDADEIRA
Celeste Margela Hatje de Moraes (avó de Ana Gern)

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1940/50.

MEDIDAS
Pano de proteção de parede: 74 cm × 105 cm;
Toalha de mesa: 69 cm × 112 cm;
Pano para cobrir toalhas: 69 cm × 112cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto de três peças para a cozinha, composto por: *Wandschoner*, *Überhandtuch* e toalha de mesa. Peças de uso doméstico e decorativo, integrando o repertório de têxteis para a cozinha, tradicionalmente utilizados em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. Bordado em ponto corrente, em três tons de azul, sobre algodão, com motivos de paisagem com holandeses e moinho. Acabamento com moldura em tecido azul e canto mitrado.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ana Gern

BORDADEIRA
Não identificada

DIZER DO BORDADO EM ALEMÃO
Em português: *"Na hora certa, uma boa bebida alegra o coração de jovem e idoso"*

MEDIDAS
56 cm × 99 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Wandschoner – Pano de proteção de parede, tradicionalmente utilizado em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. Bordado em ponto cruz no étamine, feito com linha de bordado nas cores azul, azul-marinho, marrom e preto, aplicada aos motivos da paisagem holandesa e ao texto em alemão. Acabamento com moldura em tecido azul e canto mitrado.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ana Gern

BORDADEIRA
Não identificada

DIZER DO BORDADO EM ALEMÃO
Em português: *"O mais claro brilho do sol de Deus ilumina dentro desta casa"*

MEDIDAS
46 cm × 82 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Wandschoner – Pano de proteção de parede, tradicionalmente utilizado em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. A peça, devido ao desgaste, foi reaproveitada e transformada em almofada. Bordado em ponto haste e ponto cheio, feito em linho, em paleta monocromática vermelha, apresentando composição ornamental de elementos da natureza, casa enxaimel e frase em alemão.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo do Instituto
Suíço de Joinville

BORDADEIRA
Não identificada

MEDIDAS
Pano de proteção de parede:
82 cm × 46 cm
Bolsa para guardar pegadores
de panela: 30 cm × 40,5 cm





IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto composto por um *Wandschoner* (protetor de parede) e um *Topflappentasche* (bolsa para guardar pegadores de panela). Peças confeccionadas para uso conjunto na cozinha, integrando o repertório de têxteis domésticos de tradição germânica em Santa Catarina. Bordado em ponto cheio, ponto haste, ponto corrente e ponto cruz, sobre tecido de algodão, feito com linha de bordado em três tons de azul, representando ramos de flores e motivos holandeses com figuras típicas. Acabamento com moldura em tecido xadrez azul.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo do Instituto
Suíço de Joinville

BORDADEIRA
Não identificada

MEDIDAS
Pano para cobrir a toalha:
70 cm × 85 cm
Protetor de parede:
62 cm × 90 cm
Bolsa para guardar pegadores
de panela: 30 cm × 44 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto composto por um *Wandschoner* (protetor de parede), um *Überhandtuch* (pano para cobrir a toalha) e um *Topflappentasche* (bolsa para guardar pegadores de panela), confeccionados para uso conjunto na cozinha, integrando o repertório de têxteis domésticos de tradição germânica em Santa Catarina. Bordado em ponto cheio e ponto alinhavo, em linho, feito com linha na cor azul, representando uma paisagem e ramos de flores. Acabamento com moldura em tecido branco e debrum azul.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo da Ana Gern

BORDADEIRA
Não identificada

DIZER DO BORDADO EM ALEMÃO
Em português: *"Inicie o dia com espírito alegre"*

MEDIDAS
56 cm × 66 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Wandschoner – Pano de proteção de parede, tradicionalmente utilizado em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. Bordado em ponto haste e ponto cheio em linho, feito com linha de bordado em tons de vermelho, aplicada aos motivos florais e pássaro, e ao texto em alemão. Acabamento com moldura em tecido vermelho e canto mitrado.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Dorli Müller, doado para Ana Gern

BORDADEIRA
Adele Müller

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1925

MEDIDAS
31 cm × 47 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Brotbeulter – Saco de pão, que faz parte do conjunto têxtil do *Wandschoner*, tradicionalmente utilizado em residências de descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina. Bordado em ponto haste sobre tecido de algodão, feito com linha de bordado em tons de azul, com motivos de paisagem, flores e moinho. Acabamento com moldura em tecido azul.



Bordado Ilha da Madeira

O “bordado Ilha da Madeira” consiste em um conjunto de pontos no qual se sobressai o ponto cheio com enchimento, aplicado em tecidos nobres como o linho, proporcionando um efeito delicado e sofisticado. Sua origem remonta ao arquipélago da Madeira, em Portugal, e foi muito utilizado em Joinville para a produção de enxovais finos, em peças de cama e mesa.

Até a segunda metade do século XX, obter o material específico para este bordado não era tarefa simples. **Inge Maria Wetzel da Silva** conta que os armarinhos locais, como a Casa Richlin ou o Secos e Molhados de Fernando Tilp, não tinham as linhas finas desejadas para este tipo de trabalho e era preciso contar com mascates portugueses que visitavam as casas e aceitavam encomendas, muitas vezes trazendo também peças bordadas prontas. “Eles vendiam linha da ‘Ilha da Madeira’. A gente encomendava e, quando eles vinham da próxima vez, traziam”, explica, revelando que, posteriormente, descobriu-se que essas linhas eram, na verdade, da marca francesa DMC e não produzidas no arquipélago português. Havia ainda linhas inglesas da Clark’s Anchor. As linhas ainda podiam ser adquiridas em Curitiba e São

Paulo e, mais tarde, **Ilse Schoen** também as vendia.

Já os tecidos eram comprados em lojas especializadas como Felipe Dippe, Casa Favorita (na rua 9 de Março), e Casa Suíça (na rua 15 de Novembro).

Os bordados produzidos em Joinville eram valorizados fora da cidade. Aos 94 anos, **Astrid Lorenz** relata que "havia um comerciante em São Paulo, o senhor Rolf Kaesemodel, que encomendava toalhas bordadas em Joinville, especialmente peças em bordado branco sobre branco, para comercializá-las na capital paulista". Peças em ponto cheio reto também eram encomendadas.

Ao longo do século XX, algumas bordadeiras e professoras de Joinville se destacaram pelo rigor técnico e resultado estético, conferindo identidade própria a suas peças, como **Helga Tiburtius** (nascida Miers em 1924) e **Marieta Stock**. Além de ensinar as jovens e senhoras a bordar, elas expunham trabalhos de suas alunas na tradicional Exposição de Flores e Artes de Joinville (EFA).

Como tantas senhoras, a mãe de **Helga Tiburtius** bordava e provavelmente ela já convivia com estes saberes desde a infância. Mas se especializou no bordado a partir de um curso no Colégio dos Santos Anjos, provavelmente na década de 1960, e a partir daí se tornou conhecida por sua habilidade. Ensinou bordado por muitos anos em casa e, inclusive, no Colégio Bom Jesus. Sua nora, **Ângela Tiburtius**, conta que em 1986, quando faleceu, ainda tinha uma turma de alunas.

Helga ensinava o bordado Ilha da Madeira, como relata a também bordadeira e professora

Leni Zimmermann, que aprendeu esta técnica com ela. Mas também era especializada em trabalhos com pedrarias e lantejoulas para vestidos de noiva. Mantinha parceria com uma costureira de Joinville, **Marlene** (moradora na rua Max Colin), e muitas vezes era contratada para aplicar os bordados de acordo com os riscos recebidos já prontos. Fazia crochê e em um período também confeccionou abajures de tecido. "Era esforçada, dedicada, fazia muitas coisas diferentes", recorda a nora.

Tinha muitas revistas importadas, de onde extraía os riscos, mas também trocava riscos com outras bordadeiras e adquiriu alguns exclusivos de **Marieta Stock**, após o falecimento dela, em 1971.

Costumava fornecer o material completo para o aprendizado de suas alunas (linhas, tecido etc) e riscava o trabalho para elas bordarem. Comprava, por exemplo, linhas na loja de **Frau Schoen**, e revistas na loja de **Frau Lilli Günther**, na rua 15 de Novembro, esquina com o Beco Mato Grosso.

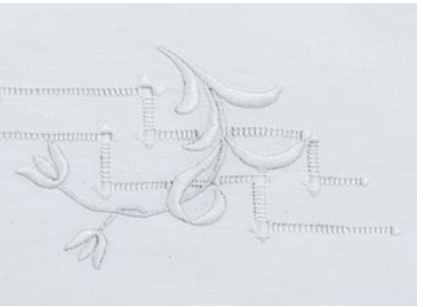
Seus riscos eram desenhados em papel manteiga e passados para o tecido com a ajuda de um carbono. Criativa, adaptava riscos, combinando elementos e criando seus próprios designs. A preferência pela cor amarela era visível em seus trabalhos.

Nascida em 1901 e falecida em 1971, **Marieta Stock** atuou como professora de meados da década de 1940 até 1969, ensinando gerações de mulheres a bordar, e ainda hoje é lembrada por suas alunas pelo domínio técnico do bordado, pela qualidade de seus trabalhos, pelo modo de ensinar e por sua personalidade forte. Ela também formou professoras e borda-

deiras especializadas no bordado Ilha da Madeira, como **Alice Monich** (como veremos adiante) e **Ingrid Welling** (neste caso, somente bordadeira).

Na monografia "**Marieta Stock**", de 2014, realizada para a conclusão do curso de História da Arte da Casa da Cultura Fausto Rocha Jr, em Joinville, **Ana Luiza Gern**, traz o relato de **Ingrid Welling** sobre as referências de Marieta. Segundo Ingrid, a professora era autodidata e para criar os riscos se inspirava nos bordados do *Weissstickerei* (branco sobre o branco), em revistas alemãs como a "Burda", nos bordados da Ilha da Madeira e, mais tarde, nas revistas "Rakan", nos bordados que as alunas traziam e nos riscos dos tapetes.

Embora seu trabalho estivesse relacionado ao bordado tradicional realizado na Ilha da Madeira, **Marieta Stock** conferiu características próprias a ele, fazendo com que as peças feitas sob sua orientação fossem rapidamente reconhecidas. Enquanto o bordado madeirense era considerado mais rebuscado, o de Marieta se destacava pela sutileza, com desenhos mais leves e equilibrados.



Bordado branco sobre branco, *Weissstickerei*.



Bordado da Ilha da Madeira.

Geralmente as moças eram encaminhadas às aulas de Marieta no final da adolescência para aprender a bordar os seus próprios enxovais de casamento, mas senhoras casadas também a procuravam para aperfeiçoar seus trabalhos. As alunas levavam o tecido (geralmente o linho, mas também há registros de peças bordadas em organdi) e as linhas, e a professora definia os motivos, fazia os riscos e escolhia as cores. Ela preferia tonalidades discretas, evitando cores muito vibrantes, o que contribuía para a aparência refinada e delicada de suas peças.

Suas aulas reuniam de dez a doze moças ao redor de uma ampla mesa. Os cursos eram considerados caros e atraíam principalmente pessoas com maior poder aquisitivo, interessadas em peças sofisticadas para seus enxovais. As toalhas de jantar, acompanhadas de guardanapos, estavam entre os trabalhos mais valorizados, mas também podiam ser produzidos enxovais de bebê.

As alunas começavam produzindo peças pequenas, como toalhinhas para os móveis (muito usadas na época), para aprender e praticar os pontos básicos. Depois partiam para peças mais elaboradas, como toalhas de banquete ou jogos de lençóis.

Aluna de Marieta no final da década de 1960, quando já era casada, **Ingrid Ritzmann** (nascida Wagner, em 1944) explica que o processo de ensino seguia uma sequência rigorosa:

1. Iniciava com pontos básicos como o ponto haste; progredia para os motivos de arabescos e flores;
2. Incluía o ponto cheio, com o enchimento para dar volume à peça;
3. Outros pontos eram incluídos, como o ponto sombra, ilhós ou festonê.

A medida em que as habilidades das alunas iam se aprimorando, pontos mais elaborados eram ensinados, como o richelieu e o crivo (trabalhos de fios puxados) – o desenvolvimento de um deles, o "crivo jersey", bordado enviesado, é atribuído à própria **Marieta Stock**.

O risco dos tecidos era outra característica da professora. Marieta tinha uma sala reservada para fazer os riscos e era responsável pela transferência deles ao tecido. Ela criava e adaptava os próprios desenhos e eles não ficavam acessíveis às alunas.

Seus desenhos eram elaborados com atenção e sensibilidade e, em algumas ocasiões, ela pedia às alunas que trouxessem folhas e elementos da natureza para observar suas formas e tonalidades e deles buscar inspiração, conforme relatou a aluna **Lia Nanci Brüske**.

Costumava riscar apenas um quarto do motivo de cada vez. Quando as alunas bordavam este trecho, ela, aos poucos, nas aulas seguintes, completava o desenho. As **primas Wetzel** relatam que os riscos de Marieta eram exclusivos e que ela tinha muito ciúme deles, não os compartilhava facilmente.

Atualmente alguns destes riscos estão preservados com ex-alunas, como **Ingrid Ritzmann**, que guarda originais adquiridos de uma antiga aluna, e com **Ana Gern**. "Eu sempre fui apaixonada pelo trabalho dela", revela Ingrid, destacando a capacidade que Marieta tinha de adaptar e improvisar seus desenhos para diferentes tamanhos de toalhas, sempre mantendo a harmonia.

A professora cuidava do acabamento dos trabalhos pessoalmente. Depois de bordadas, as peças eram molhadas, lavadas, engomadas e cuidadosamente recortadas.

As lembranças das antigas alunas também revelam uma professora de personalidade forte. Era exigente, rigorosa e ensinava minuciosamente, e essa disciplina contribuía para a excelência do produto final.

O legado de **Marieta Stock** foi levado adiante por bordadeiras como **Alice Monich** (nascida Scheidemantel, em 1908, e falecida em 1992), que foi sua aluna e depois dedicou-se à produção de peças e, principalmente, ao ensino do bordado.

Valéria Siewert foi uma das inúmeras moças que aprenderam o bordado Ilha da Madeira com **Alice Monich**. A professora seguia o método de **Marieta Stock**, porém sem a mesma rigidez. As aulas eram ministradas ao redor de uma mesa, com cinco ou seis alunas, e, no caso de Valéria, ocorriam à noite, das 19h às 22 horas. "Ela era sempre muito, muito querida com a gente. Tinha o dom de ensinar. Riscava e ensinava o primeiro ponto, que a gente depois tinha que preencher por cima. Ensinava

passo a passo."

Alice era mais flexível com as alunas, como relembra Valéria: "Ela nunca mandou desmanchar o bordado. Só dizia que tinha que caprichar um pouco mais, apontava o erro e dizia: 'melhor desmanchar e fazer certo, pois você sempre vai ver isso.' Mas se eu dissesse que não ia desmanchar, continuava."

A professora também orientava sobre as cores, o que resultava em peças coloridas e alegres. Valéria destaca que era usado a linha Ilha da Madeira, com mais brilho que a linha nacional, porém mais cara. Segundo ela, **Alice Monich** frequentemente conseguia essas linhas para as alunas. Eles eram adquiridos em lojas de Curitiba e São Paulo – só mais tarde a neta de Alice, **Rosita Larson**, conseguiu encontrá-las em Joinville.

Alice Monich também passou sua arte para a filha **Nair Astrid Larson** (nascida Monich em 1932 e falecida em 1995) e para a neta **Rosita Larson da Silveira** (nascida em 1955), que agora já a transmite para a sua própria neta, também Alice, de apenas nove anos, compondo gerações de bordadeiras.

Rosita conta que a mãe, Nair, aprendeu a bordar com **Marieta Stock** e posteriormente ajudou Alice nas aulas de bordado. "Ela, bem jovem, ia junto com minha avó na Dona Marieta e ficava com uma toalhinha qualquer, bordando, porque queria estar junto, sempre. Depois, minha avó dava aulas e minha mãe começou a ajudá-la. Quando minha avó faleceu, eu e minha mãe continuamos a dar aulas. Até que minha mãe não quis mais dar aulas e eu continuei sozinha, depois de casada, na minha casa", relembra,

comentando que também começou a bordar ainda menina: "Com cinco anos a gente ia na casa da avó para aprender a bordar. Ela parava para dar aula para os netos. Ensinava coisinhas simples, mostrava o passo a passo, e eu fui gostando. Tinha muita paciência. Sentávamos na mesa da sala, ela riscava uma toalhinha para cada uma – e a gente bordava. Depois, dizia assim: 'Agora vocês já sabem fazer esse ponto, vou ensinar outro ponto.' E assim fazia. Cada vez mais difícil. O crivado foi o último que nos ensinou."

Além do bordado Ilha da Madeira, **Alice Monich** ensinava para os netos vários tipos de bordado, como o ponto cruz e o ponto cheio reto.

Os enxovais eram tarefa de família. Alice ajudou Nair a bordar seu enxoval de casamento, inclusive as camisolas. E depois as duas ajudaram Rosita e a irmã. "Nós fizemos todo o meu enxoval. Eu bordei, minha avó bordou e minha mãe bordou. Minha avó bordou roupa de cama e toalhas de banquete para todos os netos."



Agulha fina com ponta, dedal, furador de osso ou marfim para fazer o ilhós, linha "Ilha da Madeira".

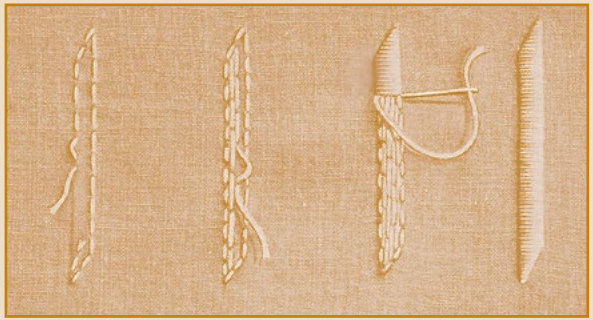
Técnica, processos e instrumentos

TIPO DE BORDADO
Ilha da Madeira

PONTOS UTILIZADOS
Ponto cheio, ilhós, ponto sombra, ponto haste, crivo, ponto arroz, festonê, ponto folha e richelieu.

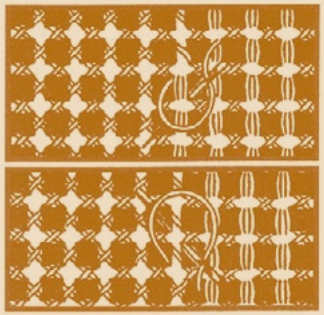
EXECUÇÃO DO PONTO

Ponto cheio
- Preparação: fazer a base (o "enchimento" dos motivos) com uma linha mais simples, geralmente branca.
- Bordado: o ponto cheio é bordado por cima do enchimento, com a linha "Ilha da Madeira", no sentido contrário ao do enchimento.



Crivo

- Faça um ponto caseado, um ponto haste ou um “festão” para delimitar o bordado.
- Prepare o tecido nos dois sentidos tirando três fios e deixando três, até ter o espaço a bordar todo desfiado (a quantidade de fios tirados pode variar). O desfiado deve ser feito pelo avesso do tecido, de modo que os pontos dos fios fiquem voltados para esse lado.
- Para executar o crivo, trabalhe primeiro na horizontal e depois na vertical, passando a agulha por baixo do cruzamento dos fios da teia com a trama. No final da carreira, volte atrás repetindo o mesmo ponto, formando uma cruz.



INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Agulha fina com ponta, dedal, furador de osso ou marfim para fazer o ilhós.

MATERIAIS

Tecido

Linho ou organdi suíço.

Linhas

Linha “Ilha da Madeira” das marcas DMC e Clark-s Anchor (importadas) e Âncora (nacional).

MOTIVOS

Predominantemente florais e folhas, com arabescos.

CORES

- Branco.
- Variadas, em tons pastéis.

ACABAMENTOS

Com festonê. E engomado depois de pronto.

MODO DE FAZER

- O risco é desenhado em papel manteiga e transferido para o tecido com papel carbono.
- É realizada a marcação das cores.
- Inicia-se o bordado pelos pontos de alinhavo e/ou preenchimento dos motivos principais.
- Faz-se o ponto cheio bordando por cima do preenchimento, em sentido contrário a ele.
- Bordam-se os demais pontos, de acordo com o risco. Depois de bordado o festonê, recorta-se a peça.
- Ao final, é realizado o acabamento, lavando, passando pelo avesso, com uma toalha por baixo para deixar o ponto “fofo”, e engomando a peça.



Riscos em papel manteiga.



Etapas de execução
do ponto cheio: risco,
enchimento e bordado.

Darci Schmalz, aluna de **Marieta Stock**, guarda um dedal que tem mais de 100 anos e pertenceu à sua avó: "Usávamos agulhas finas e dedal; o uso do dedal era rigoroso na escola de Dona Marieta."

Já Ingrid **Ritzmann** recorda que uma das características da professora era a escolha de cores: "Marieta utilizava linhas francesas (DMC) e cores discretas, como tons pastéis, branco e bege, evitando cores vibrantes."

Rosita Larson da Silveira explica que a avó, **Alice Monich**, comprava fio Ilha da Madeira em Curitiba e em São Paulo, e depois ela própria trouxe o original do arquipélago português, cuja qualidade era bem diferente do fio nacional: "O fio, 'tipo fio Ilha da Madeira', que é nacional, não tem tanto brilho, é mais fosco. E esse aqui [o original] tem mais resistência do que os brasileiros."

Valéria Siewert lembra que o enchimento era bordado em sentido contrário ao bordado de cima: "Se o bordado debaixo está no mesmo lado, às vezes o fio de cima entra por baixo. Por isso eu bordava para lá e para cá. Tinha que ter a 'cama'."

Ao final, os bordados eram recortados com uma tesoura fina, bem rente ao tecido, para caracterizar o festonê. Depois eram lavados/molhados e engomados com uma goma à base de araruta, álcool e água fervente. Antigamente, era adicionada parafina para dar brilho ao trabalho. Com o tempo, ela foi substituída por álcool.

Lia Nanci Brüske explica que os crochês eram engomados por **Frau Gotschalt**, que morava na rua Professora Laura de Andrade, no Centro de Joinville: "Ela engomava, colocava em uma espécie de almofada e colocava a toalha úmida ali. Daí colocava alfinetinhos para esticar todos os biquinhos do crochê. Era um trabalho danado."





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Elisabeth Keller Bender

BORDADEIRA
Hildegard Schwoelck

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1970

MEDIDAS
57 cm × 150 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trilho de mesa executado em linho. O bordado foi feito em ponto cheio, ponto haste e ponto sombra. As cores predominantes são tons de creme, formando uma paleta monocromática. Os motivos são florais, com folhas e arabescos. Acabamento em festonê.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Valéria Siewert

BORDADEIRA
Valéria Siewert

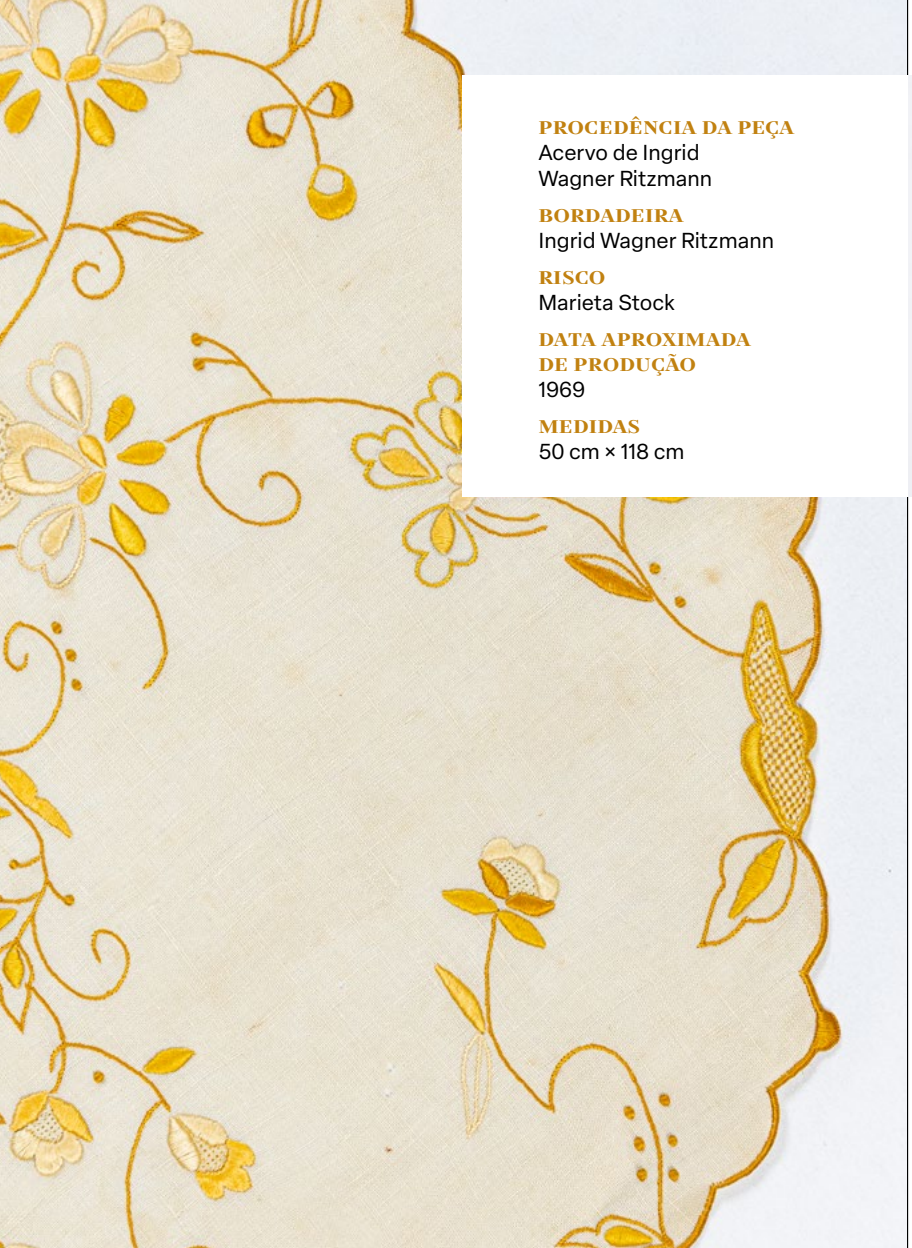
RISCO
Alice Monich

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1970

MEDIDAS
45 cm × 85 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trilho de mesa executado em linho. O bordado foi feito em ponto cheio, ponto sombra e ponto haste, com linha Ilha da Madeira. As cores predominantes são laranja, amarelo e marrom. Os motivos são florais. Acabamento em festonê.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ingrid
Wagner Ritzmann

BORDADEIRA
Ingrid Wagner Ritzmann

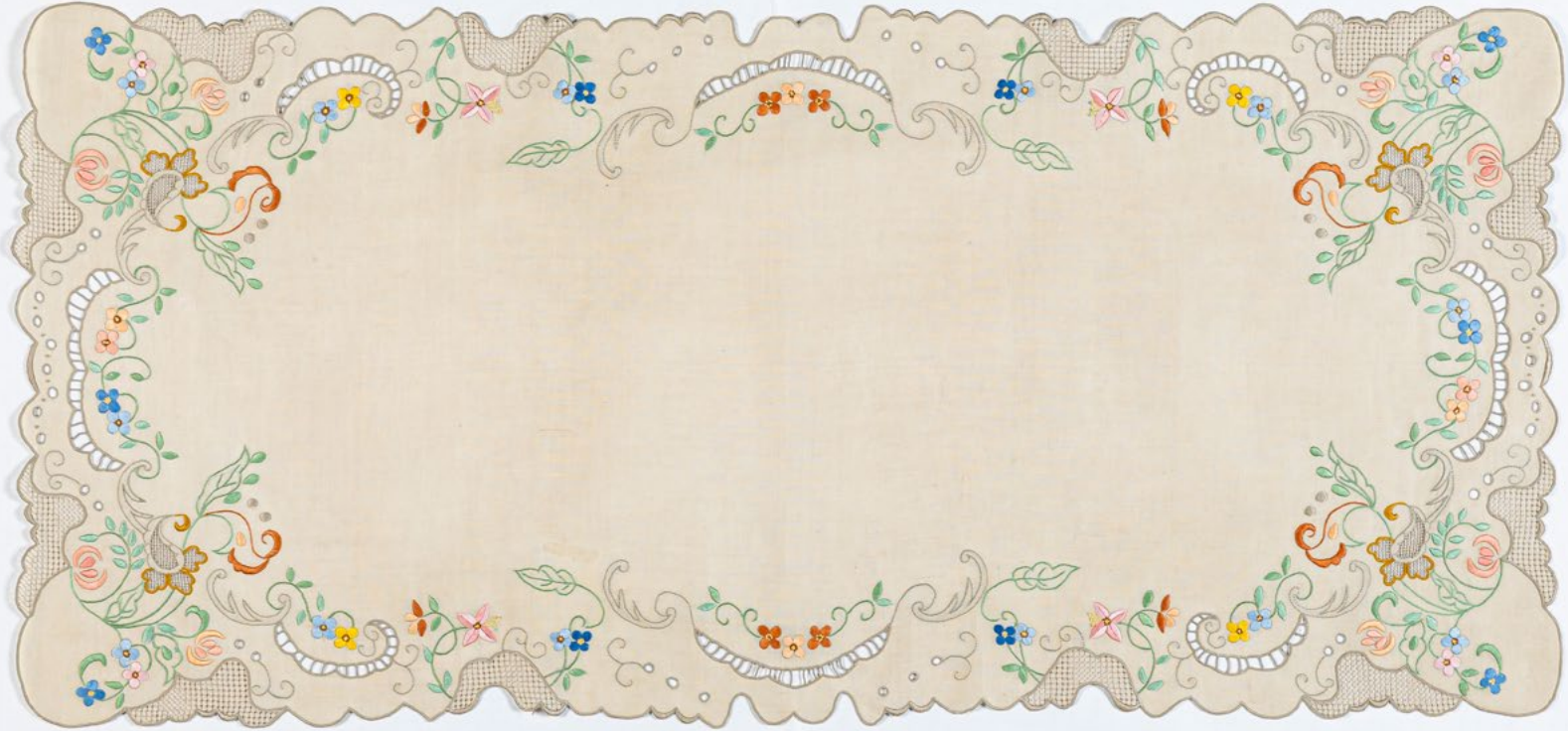
RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1969

MEDIDAS
50 cm × 118 cm



IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trilho de mesa executado em linho, com linha Ilha da Madeira. O bordado foi feito em ponto cheio, ponto sombra, crivo e ponto haste. As cores predominantes são tons de amarelo. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em festonê.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Inge Maria Wetzel da Silva

BORDADEIRA
Inge Maria Wetzel da Silva

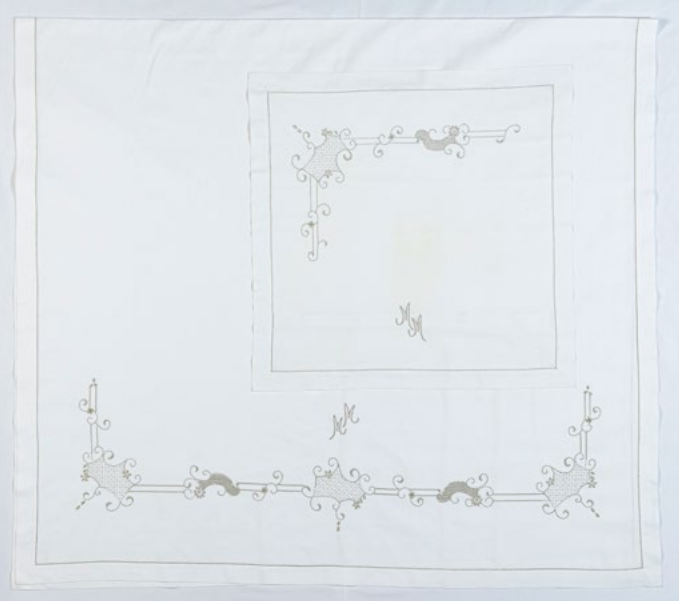
RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1960

MEDIDAS
51 cm × 110 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trilho de mesa executado em linho, com linha Ilha da Madeira. O bordado foi feito em ponto cheio, nó francês, ponto haste, ponto sombra, ilhós, ponto máquina, richelieu e crivo. As cores predominantes são tons de azul, tons de rosa-salmão, rosa, tons de marrom, verde-água e cinza-claro. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em festonê.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ana Gern

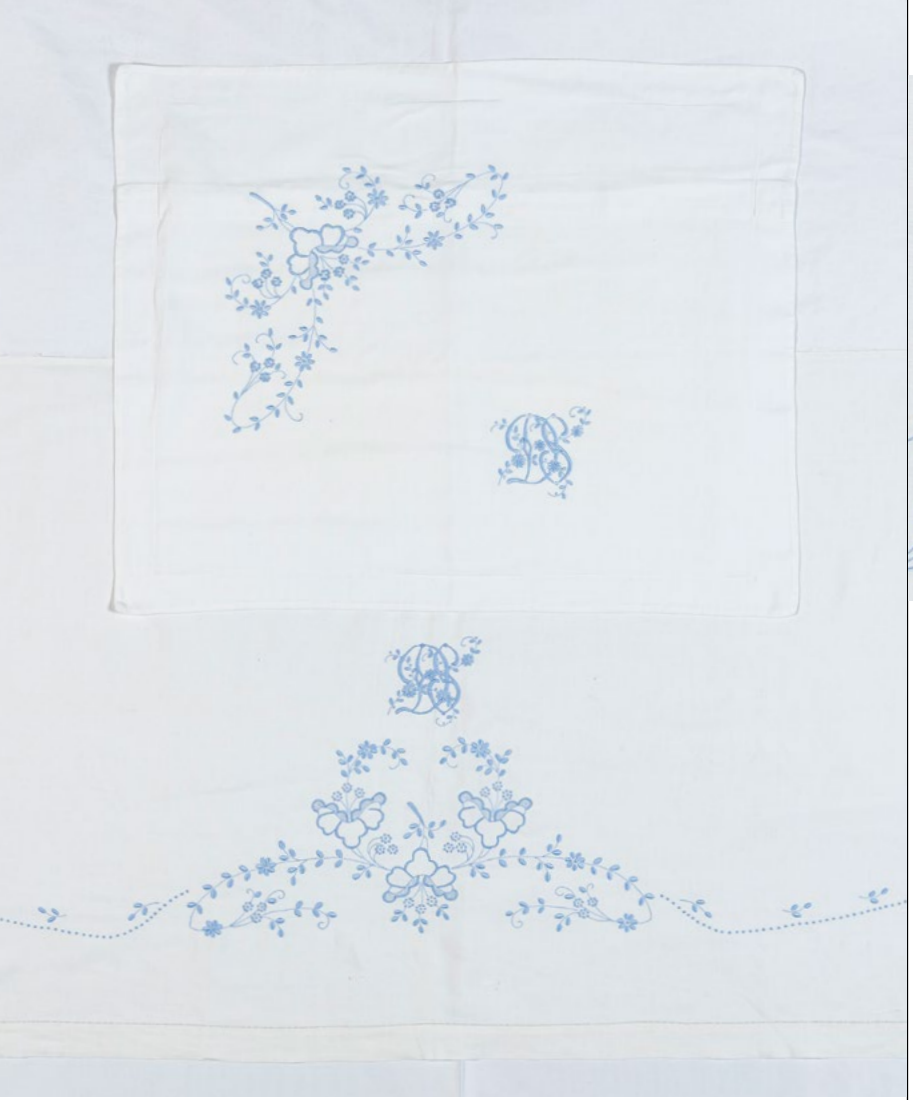
BORDADEIRA
Margarete Mayerle Schmalz

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1950

MEDIDAS
Fronha: 69 cm × 69 cm; Sobrelençol: 138 cm × 243 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Jogo de cama composto por fronha e sobrelençol executado em linho importado, com linha Ilha da Madeira. O bordado foi feito em ponto cheio, ilhós, bainha aberta e crivo. As cores predominantes são tons de cinza-claro. Os motivos são flores, arabescos e as iniciais MM, de Margarete Mayerle. Acabamento em bainha aberta.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Darci Schmalz

BORDADEIRA
Darci Schmalz

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1953

MEDIDAS
Fronha: 57 cm × 70 cm; Sobrelençol: 202 cm × 250 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Jogo de cama composto por sobrelençol e fronha, executado em linho, com linha Ilha da Madeira na cor azul-claro. O bordado foi feito em ponto cheio, ponto haste, nó francês e ponto areia. Os motivos são flores e arabescos. Acabamento em bainha aberta.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Teresinha Cecília Moreira Rosa

BORDADEIRA
Teresinha Cecília Moreira Rosa

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1951

MEDIDAS
160 cm × 218 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de banquete executada em linho importado, com linha Ilha da Madeira. O bordado foi feito em ponto cheio, ilhós, crivo "de 8" e crivo "simples". As cores predominantes são tons de cinza-claro. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em festonê.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Teresinha Cecília Moreira Rosa

BORDADEIRA
Teresinha Cecília Moreira Rosa

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1952

MEDIDAS
220 cm × 240 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Colcha para cama executada em organdi suíço, com linha Ilha da Madeira. O bordado foi feito em ponto cheio, ponto sombra e ponto paris. A peça é na cor branca, formando uma paleta monocromática. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Entre os motivos bordados, há entremeios em renda fina.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Teresinha Cecília Moreira Rosa

BORDADEIRA
Teresinha Cecília Moreira Rosa

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1952

MEDIDAS
78 cm × 750 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Vestido de batizado executado em cambraia de linho, com linha Ilha da Madeira na cor azul-bebê. O bordado foi feito em ponto cheio, ponto sombra e ponto paris. Os motivos são flores, folhas e laços. Entremeios em renda fina compõem um desenho de curvas no vestido.





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Rosita Larson da Silveira (neta de Alice Monich)

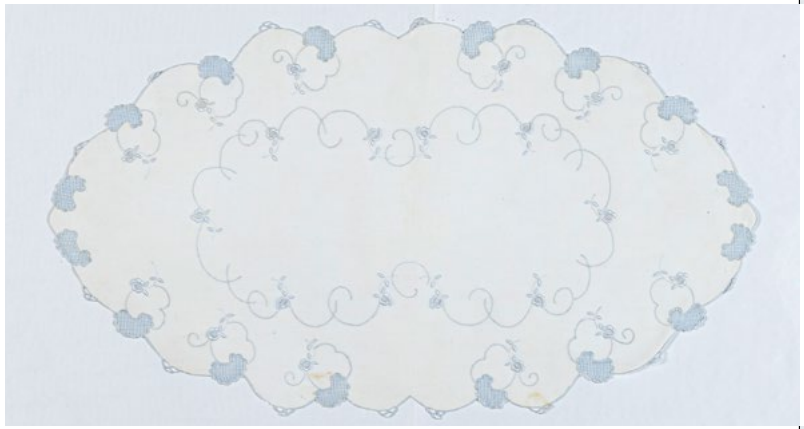
BORDADEIRA
Rosita Larson da Silveira

RISCO
Alice Monich

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1990

MEDIDAS
88 cm × 90 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha executada em linho, com linha Ilha da Madeira nas cores azul-claro e branco. O bordado foi feito em ponto cheio, ilhós, ponto correntinha, crivo e ponto atrás. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em festonê.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Rosita Larson da Silveira (neta de Alice Monich)

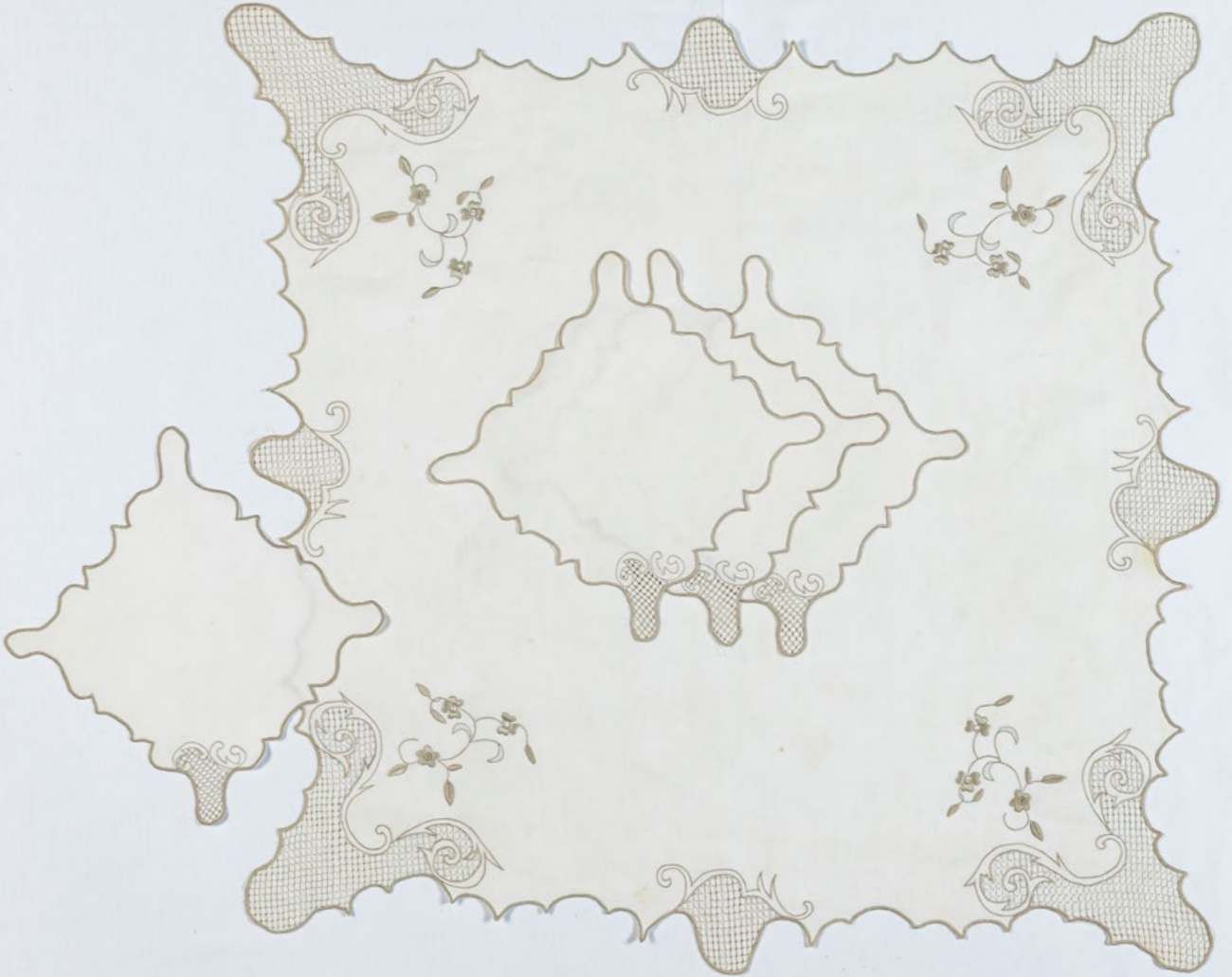
BORDADEIRA
Alice Monich

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década de 1950

MEDIDAS
42 cm × 75 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha oval executada em linho, com linha Ilha da Madeira na cor azul-claro. O bordado foi feito em ponto cheio, ponto areia, ponto paris e crivo. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em festonê.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Rosita Larson da Silveira (neta de Alice Monich)

BORDADEIRA
Rosita Larson da Silveira

RISCO
Alice Monich

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1990

MEDIDAS
Toalha: 78 cm × 78 cm
Guardanapos: 22 cm × 24 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Conjunto de toalha e quatro guardanapos executado em linho, com linha Ilha da Madeira na cor marrom, formando uma paleta monocromática. O bordado da toalha foi feito em ponto cheio, crivo enviesado, ponto haste e ilhós. Os motivos são flores, folhas e arabescos. O bordado dos guardanapos foi feito em crivo enviesado e ponto haste, e os motivos são arabescos. Acabamento do conjunto em festonê.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Fátima Müller
(filha de Zenaide Müller)

BORDADEIRA
Zenaide Müller

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1950/1955

MEDIDAS
86 cm × 86 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha executada em linho, com linha Ilha da Madeira em tons de marrom, bege e areia. O bordado foi feito em ponto cheio, ponto haste, crivo, ilhós e richelieu. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em festonê.





IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha de mesa bordada em cânhamo grosso. O bordado foi executado em ponto cheio reto, nó francês, ponto picuru e ponto haste. As cores predominantes são verde-caqui, branco, amarelo e marrom. Os motivos são margaridas, folhas e arabescos. Acabamento em barra bordada e desfiada.

PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Lia Brüske

BORDADEIRA
Lia Brüske

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1958/1959

MEDIDAS
132 cm × 132 cm





PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Ângela Tiburtius (nora de Helga Tiburtius)

BORDADEIRA E RISCO
Helga Tiburtius

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
Década 1960

MEDIDAS
132 cm × 132 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Toalha oval executada em linho, com linha Ilha da Madeira. O bordado foi feito em ponto cheio, crivo, ponto haste e ponto areia. As cores da linha são cinza, rosa, azul-claro, marfim, vermelho e cinza-escuro. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em festonê.



PROCEDÊNCIA DA PEÇA
Acervo de Fátima Müller (filha de Zenaide Müller)

BORDADEIRA
Zenaide Müller

RISCO
Marieta Stock

DATA APROXIMADA DE PRODUÇÃO
1950/1955

MEDIDAS
52 cm × 106 cm

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA
Trilho executado em organdi, com linha Ilha da Madeira. O bordado foi feito em ponto sombra e ponto cheio. As cores da linha são cinza, rosa, azul-claro, verde, amarelo, violeta, branco e cinza-escuro. Os motivos são flores, folhas e arabescos. Acabamento em festonê.

A tradição do bordado nos grupos rurais e comunitários

Os bordados e as artes manuais como crochê, tricô e muitas outras continuam presentes no dia a dia de muitas mulheres (e inclusive de homens) no século XXI – e valorizados. O conhecimento continua sendo passado de mulher para mulher (mães, filhas, tias, amigas) e por meio de professores especializados, que hoje contam também com a ajuda das novas tecnologias.

Uma bordadeira e professora que se destaca em Joinville é **Leni Maria Zimmermann** (nascida Oliveira, em 1946). Leni aprendeu a bordar bem cedo, quando ganhou de presente de 1ª Comunhão um tecido riscado, e não parou mais. "Bordo desde a adolescência. Me animei para fazer o meu enxoval e aprendi novos pontos através de revistas e amigas", conta ela, que também foi aluna de **Helga Tiburtius**, com quem aprendeu o bordado Ilha da Madeira, inclusive o crivo. Nas décadas de 1980 e 90, participou das feiras de artesanato na rua do Príncipe, pela Asso-

ciação Joinvilense de Artesanato, e, de 2000 a 2020, bordou para a Döhler, fazendo as peças que integrariam o conteúdo das revistas de circulação nacional que a tecelagem patrocinava.

Atualmente, aos 80 anos, Leni continua bordando, ensinando diversos pontos e prestando consultoria a projetos que têm o objetivo de preservar a história dos bordados, como este.

Em Joinville, atualmente também existem grupos vinculados a associações comunitárias, comunidades rurais e igrejas, que reúnem mulheres e se dedicam à produção e à preservação de diferentes técnicas de bordado. Entre os trabalhos realizados, destacam-se os bordados em ponto cheio reto, ponto cruz, ponto cruz duplo em tecido xadrez, ponto russo e vagonite.

Na área rural, a disseminação do bordado ocorreu mais sistematicamente a partir de meados do século XX, com a atuação de extensionistas rurais junto às agricultoras. As primeiras profissionais, de origem alemã (conforme relato de agricultoras mais antigas), contribuíram para a criação de grupos de mulheres nas comunidades rurais, nos quais as participantes eram orientadas sobre organização comunitária, cuidados com a saúde, higiene, conservação de alimentos e segurança alimentar, entre outros. Neles, as senhoras também aprendiam atividades que pudessem gerar renda e autonomia, como os trabalhos manuais (bordados, costura, pintura) e o processamento de alimentos, como compotas, desidratação e conservas em potes etc..

Criada em 1966, em Joinville, com o objetivo

de fortalecer a produção rural e valorizar a vida no campo para evitar o êxodo rural, a Fundação 25 de Julho iniciou atividades similares junto às mulheres, principalmente a partir do início da década de 1980. A iniciativa buscava ampliar conhecimentos e possibilidades de geração de renda, além de fortalecer a autoestima e a autonomia das agricultoras.

Contratados por concurso público pela Prefeitura de Joinville, profissionais da Fundação 25 de Julho formaram novos grupos e promoveram encontros anuais de mulheres agricultoras, com palestras motivacionais e de conscientização, visando à valorização delas. Participante de um dos grupos, em Pirabeiraba, **Lori Grossklaus Altmann** comenta que eram oferecidos cursos de panificação, sabão caseiro, jardinagem, conservas, entre outros, que impulsionaram o desenvolvimento local.

Instrutora de artesanato nesses grupos por 25 anos, **Maria de Fátima Schlickmann** conta que também eram oferecidos cursos de pintura em tecido, cestaria com jornal, crochê e bordados variados. Na prática, o artesanato servia de "isca" para discussões de temas motivacionais ou de conscientização sobre a vida no campo.

Maria de Fátima conta que quando ingressou no serviço, em 1999, havia 23 grupos. A partir de 2008, esse número começou a diminuir e, atualmente, são 13 grupos em atividade, mas sem o acompanhamento de instrutoras e sem auxílio público.

O trabalho de profissionais como Maria de Fátima e demais instrutoras demonstra como o artesanato, particularmente o bordado, pode trans-

cender a mera confecção de peças. Ele se tornou uma ferramenta poderosa para a educação, o empoderamento e a autonomia feminina, a geração de renda e a formação de comunidades na área rural de Joinville, promovendo a autoestima e o reconhecimento social de mulheres que antes se sentiam invisíveis.

Nos grupos eram ensinadas várias técnicas, como ponto cruz convencional, ponto cruz duplo em tecido xadrez, vagonite (com linha ou com fita) ou ponto cheio reto, por exemplo, e as agricultoras podiam escolher desenvolver as que tivessem mais afinidades. "A maioria aprendia nos cursos. Uma ou outra tinha alguma noção, pois tinha aprendido na escola, mas era muito rústico. Então, a gente as ajudava a perceber o acabamento, as cores das linhas, como se bordava..."

Maria de Fátima revela que o bordado em ponto cruz duplo no tecido xadrez, especialmente no tecido "Vencedora", da Döhler, era valorizado por ser rápido e fácil de bordar. As senhoras podiam fazer o ponto contado, mas geralmente o tecido era riscado por uma instrutora, o que agilizava o trabalho. A própria Maria de Fátima ensinou uma vizinha, **Odila Boni**, a riscar o tecido.

O ponto cheio reto também era muito bordado pelas senhoras, e é possível observar uma variação da técnica tradicional. Enquanto bordadeiras antigas como **Margot Wetzel** preenchiam o desenho com a linha de uma vez só e o repartiam apenas quando o motivo era muito extenso, os pontos atualmente costumam ser partidos na mesma altura, ou seja, de forma não contínua, resultando em diferente efeito visual.





À esquerda, o desenho do bordado é feito com a linha de uma vez só, e à direita o bordado é repartido, pois o motivo é muito extenso. Os pontos atualmente costumam ser partidos na mesma altura, ou seja, não são contínuos, resultando em diferente efeito visual.

Lori Grossklaus Altmann é uma das senhoras que desenvolveram suas habilidades nos grupos rurais. Nascida em Rio do Sul, ela aprendeu a bordar e a fazer crochê com a mãe, que, por sua vez, tinha aprendido com uma tia. Com o trabalho na roça, em um primeiro momento, o casamento, o trabalho e a chegada dos filhos, Lori afastou-se dos trabalhos manuais. A retomada ocorreu por volta de 1988/1990, em Joinville, por meio da participação no grupo rural da Estrada Palmeiras, em Pirabeiraba. Lá fez vários cursos, inclusive um de panificação, fundamental para a geração de renda da família por décadas.

Nesses cursos, Lori redescobriu o bordado. Entre suas instrutoras, estão **Adelir D. Vila**, **Vanderlete (Vani) Pessoa** e **Márcia Phfundener**, que a ensinou a fazer o ponto cheio reto. Posteriormente, teve aulas particulares com **Maria Gaertner**, também em Pirabeiraba, e responsável pela elaboração dos riscos.

Além das instrutoras citadas por Lori, **Maria de Fátima Schlickmann** lembra de **Marilha Bueno**, **Maria Luiza de Lima** e **Evandina Silva** (professora de corte e costura que também atuou como instrutora). "E a mais antiga delas, dona **Ana Odete Longarette**, que iniciou os trabalhos com as mulheres rurais", destaca.

Dos 13 grupos ainda atuantes em Joinville, podemos citar o Grupo das Mulheres Rurais do Vila Nova, o Grupo das Mulheres Rurais da Estrada Palmeiras e o Grupo das Mulheres Rurais da Estrada da Ilha, todos com décadas de atividades.

O Grupo das Mulheres Rurais do Vila Nova tem aproximadamente 45 anos, se reúne no salão de uma igreja na rua 15 de Novembro, a principal do bairro, e é um dos mais antigos da área rural. Ele teve início com duas extensionistas de origem alemã, que, entre outras coisas, ensinaram diferentes técnicas, como crochê, tricô, costura e bordado.

Posteriormente, o grupo foi incorporado à Fundação Municipal 25 de Julho e durante um período contou com o apoio da Prefeitura de Joinville. Atualmente, ele se mantém de forma independente e é coordenado por **Lya Buehner**, de 78 anos, que deu continuidade ao trabalho iniciado por sua mãe, **Lilian Creuz de Campos**. Lya aprendeu a bordar com a mãe, mas se aperfeiçoou em aulas de bordado com **Alice Monich** por cerca de cinco anos, a partir de 1963, quando tinha 15 anos. Ela ainda guarda um bordado em ponto cheio, que realizou há mais de 60 anos.

Entre as técnicas praticadas estão o ponto cheio, o ponto reto, o vagonite, o ponto "oitinho", o

ponto cruz e também o crochê. Inicialmente, os riscos utilizados pelo grupo eram trazidos pelas instrutoras. Depois, eles passaram a ser obtidos também em revistas e, atualmente, em pesquisas na internet.

Algumas senhoras atuantes no grupo são **Luci Niers**, **Cleusa Giotti**, **Helena Engel**, **Carmen Streit Poltronieri**, **Luzia Eccel** e **Mônica Schatz**, que é de Blumenau e cuja irmã, **Tereza Schatz**, bordou para a Casa Meyer, tradicional loja fundada em 1903 e conhecida pelo desenvolvimento de uma técnica exclusiva de bordado, declarada patrimônio cultural imaterial da cidade.

Uma das participantes, **Luci Niers**, apresenta uma história incomum em um universo de criação muito associado ao saber feminino. Sua mãe, **Edeltraut Ritzmann Schmidt**, bordava, mas faleceu quando a filha tinha apenas três meses de idade. Aos 14 anos, Luci aprendeu a bordar com o pai, **Walter Schmidt**, que havia aprendido com a mãe dela, quando namoravam.

O Grupo das Mulheres Rurais da Estrada Palmeiras, em Pirabeiraba, tem 30 anos de atividades e foi iniciado a partir do trabalho das instrutoras da Fundação 25 de Julho. Atualmente, ele se autogere e os encontros são realizados na casa das integrantes, sob a coordenação de uma delas, **Marisa Bansen**.

As participantes executam vários tipos de trabalho: **Cristina Menslin Meyer**, que está no grupo há mais de 30 anos, dedica-se ao crochê. **Lori Altmann** é especialista em ponto cheio reto, como já vimos. **Milene Schaldach Prochnow** borda ponto cruz e trabalhou como bordadeira para a

Malharia Bozler (tradicional em Joinville) de 1993 a 1996. **Silvina Hardt** borda ponto cruz duplo, que aprendeu com **Elza Krieser** (integrante já falecida), e as demais bordam ponto cruz e vagonite.

Também em Pirabeiraba, o Grupo das Mulheres Rurais da Estrada da Ilha está em atividade há mais de 40 anos e é considerado um dos mais antigos da região. Hoje, reúne 13 mulheres, a maioria das quais aprendeu a bordar no próprio grupo. Nascida em 1938, **Regina Meier**, a integrante mais idosa, aprendeu o ponto cheio com a mãe. Entre as demais, destacam-se **Tânia Schroeder** e **Carmen Teixeira**, pelo trabalho em tecido xadrez; **Gislene Benkendorf (Xica)**, pelo crochê e pela coordenação do grupo; e **Marli Meier**, pelo ponto cruz.

Assim como vários grupos da área rural, este também recebeu a orientação de extensionistas alemãs, que ensinaram técnicas de bordado e de cestaria em palha, no começo das atividades, mas atualmente poucas continuam a bordar.

Os bordados também estão presentes nos grupos de mães. Além de serem momentos de convivência entre as senhoras, a renda gerada pela produção desses grupos é revertida para as obras sociais de igrejas (na forma de cestas básicas, por exemplo) ou de outras entidades, e para a própria manutenção.

Entre eles, podemos citar o Grupo Nossa Senhora Auxiliadora II, no bairro Costa e Silva; e o Grupo Sagrado Coração de Jesus, em Pirabeiraba, que contribuem para a União dos Clubes de Mães de Joinville (Unimães), uma entidade fundada em 2009, que reúne e organiza cerca de 40 grupos de

senhoras, oferecendo apoio e materiais para a realização das atividades.

O Grupo Nossa Senhora Auxiliadora II tem cerca de 40 anos de existência, foi fundado por **Verônica Narlock** e depois coordenado por **Sônia Gesser**, que ensinou boa parte dos bordados às integrantes. Hoje, é coordenado por **Arlete Batista** e se reúne semanalmente, às terças-feiras, para a realização de trabalhos de bordado, costura e crochê.

Ao longo de sua história, o grupo confeccionou roupinhas de bebê e cobertores com retalhos recebidos por doação. Entre as técnicas praticadas estão o ponto cheio reto, do qual **Roseli Schadeck** é a especialista, o ponto cruz duplo no xadrez e no etamine, vagonite, patch aplique, costura e crochê.

O Grupo Sagrado Coração de Jesus foi fundado em agosto de 1988 e atualmente reúne 22 mulheres na Sociedade Guarani, todas as quintas-feiras, das 14h às 17h. Entre os trabalhos realizados estão o ponto cheio reto, ponto livre, vagonite, ponto cruz duplo e crochê. Assim como nos demais grupos da atualidade, boa parte dos modelos e referências utilizados vem de revistas antigas e de buscas na internet. A coordenadora do grupo é **Alciane Padilha** e entre as fundadoras e bordadeiras de referência estão **Mirta Castella Barcellos** e **Valdina Meyer (Pepe)**.

Os recursos arrecadados com a venda dos bordados são destinados à igreja, e, de 1995 até a pandemia da Covid-19, o grupo também realizou ações de apoio ao Hospital Bethesda, de Pirabeiraba.

Há também grupos vinculados aos luteranos. Um exemplo é o "Pontos de Amor", da Diaconia

da Paróquia São Mateus, com mais de 50 anos de atividades. Formado atualmente por cerca de 30 mulheres, o grupo se reúne quinzenalmente para compartilhar momentos de fé, convivência e trabalho coletivo, e conta com uma organização formal. A coordenação geral é de **Solange Baia** e a coordenação dos bordados é de **Maria do Rocio**.

Nesses encontros, as integrantes confeccionam peças de crochê, bordado em ponto cheio reto e costura que contribuem para diferentes ações de solidariedade. Entre elas, está a produção de enxovais destinados a mães em situação de vulnerabilidade atendidas pela Maternidade Darcy Vargas. Os enxovais são compostos por cueiros, lençóis, cobertores, casaquinhos, toucas e sapatinhos para bebês.

O grupo também produz peças bordadas, como jogos de fronhas, toalhas de rosto, toalhas de banho e toalhinhas de lavabo, que são comercializadas em bazares. A renda ajuda na compra de materiais para a produção e também na montagem de cestas básicas para famílias carentes da comunidade.

As integrantes citam algumas senhoras que se destacaram ao longo dos anos, entre elas, **Carmelinda Bekendolf**, uma das integrantes mais antigas, que ensinou às demais o ponto cheio (inclusive à **Maria do Rocio**, atual coordenadora dos bordados). Outra integrante é **Armi Lange**, que participou por cerca de 15 anos e permaneceu no grupo até 2021. Especialista no ponto cheio reto, Armi também aprendeu com Carmelinda, e guarda as revistas que haviam sido doadas ao grupo e que serviam como fonte para os primeiros riscos dos bordados. Além

das revistas, bordados antigos também eram doados e utilizados como referência para a criação e a reprodução dos trabalhos.

Atualmente, boa parte dos riscos é resultado de pesquisas na internet, embora alguns dos motivos preservados ao longo dessa história continuem sendo utilizados pelo grupo.



O ponto cruz duplo no tecido xadrez é um dos bordados realizados nos grupos de mulheres rurais e nos comunitários.

Linhas que contam histórias

No decorrer da pesquisa, observamos que o bordado esteve profundamente presente no cotidiano das mulheres de Joinville desde a fundação da cidade, constituindo uma prática amplamente difundida e transmitida entre gerações, tanto em casa (de mãe para filha) quanto em escolas e, a partir da segunda metade do século XX, em grupos na área rural.

Além de desempenhar uma função prática e simbólica, o bordado se configurou como um espaço de criatividade e expressão, e em uma forma de trabalho remunerado sistemático, possibilitando a autonomia para muitas mulheres.

Algumas senhoras se destacaram por suas habilidades e pela capacidade de inovar na arte de bordar, desenvolvendo métodos próprios de ensino, criando novos produtos e, em determinados casos, estruturando verdadeiras linhas de produção, com a contratação de outras mulheres.

Dessa forma, o bordado revela-se como uma prática cultural que envolve memória, criatividade, transmissão de conhecimentos, busca por auto-

nomia e participação feminina na construção da história e da identidade da comunidade.

A pesquisa evidencia que a história do bordado em Joinville não se resume às técnicas e aos pontos utilizados. Ela também é constituída pelas trajetórias de mulheres que, por meio de seus conhecimentos, de seu trabalho e de suas iniciativas, contribuíram para a transmissão desses saberes, para a geração de renda e para a construção de vínculos sociais.

Entrevistas

Ângela Tiburtius
Armi Lange
Arno Kumlehn
Astrid Lorenz
Betina Borck da Silveira
Brigitte Brandenburg
Brigitte Jordan Campos
Darci Schmalz
Dolores Carolina Tomaselli
Elaine Wetzel
Eliane Schünemann
Elisabeth Bender
Elisabeth Döhler da Silva
Gisela Boehm Kumlehn
Inge Maria Wetzel da Silva
Ingrid Ritzmann
Jane Mailis Baumer
Karin Schoen Singendonk
Leni Maria Zimmermann
Lia Nanci Brüske
Lori Grossklaus Altmann
Margareth Dohler
Maria de Fátima Barbosa Schlickmann
Maria Eugênia Jensen
Maria Salete Heidecke
Milene Wittwer Butzke
Norma Ladis Kricheldorf
Ondina Kunde
Regina Berg
Rosita Larson da Silveira
Roberto Tiburtius
Teresinha Cecília Moreira Rosa
Valeria Siewert

Grupos

Grupo de Desenvolvimento
da Mulher Rural do Vila Nova

Grupo de Desenvolvimento
da Mulher Rural da Estrada Palmeiras

Grupo de Desenvolvimento
da Mulher Rural da Estrada da Ilha

Clube de Mães Nossa Senhora Auxiliadora II

Clube de Mães Sagrado Coração de Jesus

Grupo da Diaconia Pontos de Amor
da Paróquia São Mateus

Referências bibliográficas

100 pontos de bordado: pontos de bordado Âncora. 6. ed. São Paulo: Linhas Corrente, 1979. 48 p.

BÖBEL, Maria Thereza. **Curiosidades do *Kolonie-Zeitung***. *Boletim bimestral do Arquivo Histórico de Joinville*, Joinville, v. 1, n. 6, Agosto/1984. p. 5.

GERN, Ana Luiza. **Desvelando histórias: pesquisa exploratória sobre o bordado em Joinville a partir do acervo do Museu Nacional de Imigração e Colonização**. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 2012.

GERN, Ana Luiza. **Entrelaçando histórias**. Joinville: Lei de Incentivo à Cultura, ao Turismo e ao Esporte- SEITEC, do Governo do Estado de Santa Catarina, 2010.

GERN, Ana Luiza. **Marieta Stock**. 2014. Monografia (Conclusão do Curso de História da Arte) – Casa da Cultura Fausto Rocha Jr., Joinville, 2014.

HERKENHOFF, Elly. **Apologia do crochê**. *Boletim bimestral do Arquivo Histórico de Joinville*, Joinville, v. 2, n. 3, Jan/Fev./85. p. 3.

KOLONIE-ZEITUNG. Joinville, 23 jul. 1864. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

KOLONIE-ZEITUNG. Joinville, 26 dez. 1882. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

KUSSIK, Helena (org.). **Têxteis do Brasil: Rendas e Bordados**. Descrições técnicas: Bianca Matsusaki; Fotografia: Náthália Abdalla; Ilustração: Camila do Rosário. 1. ed. São Paulo: Artesol, 2024.

NIEDNER, Marie; DIERSCH, Rose. ***Weißstickerei: Heft III***. Mit 130 Abbildungen, zwei großen Musterbogen und einer Gratisbeilage mit 10 gebrauchsfertigen Abplättmustern. Beyers Handarbeitsbücher, Band 71. Leipzig: Verlag Otto Beyer, [s.d.].

SCHWETTER, Bertha. ***Beyers Lehrbuch der weiblichen Handarbeiten: Handbuch für den Schulgebrauch und Selbstunterricht in zwei Bänden***. Band II: Aus Stoff und Faden. 2. Auflage. Leipzig; Berlin; Zürich: Verlag Otto Beyer, 1937.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico**. Porto Alegre: Movimento. 1974. 159p.

WEBER, Helene. ***Kreuzstich-Arbeiten: Heft II***. Mit 212 Abbildungen und 5 doppelseitigen Beilagen. Beyers Handarbeitsbücher, Band 12. Leipzig: Verlag Otto Beyer, 1925.

Realização:

ANA GERN
design feito à mão

Apoio:

DONA FRANCISCA
DELICATESSE CAFÉ

Kiville doces

INSTITUTO INTERNACIONAL JUAREZ MACHADO
JOINVILLE, SANTA CATARINA

ARQUIVO HISTÓRICO de Joinville

MNIC
MUSEU NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Prefeitura de Joinville
CULTURA E TURISMO

Incentivadora:

ICRH
Construindo para o futuro.

TIGRE

Incentivo Estadual:

PIC PROGRAMA DE INCENTIVO A CULTURA

Fundação Catarinense de Cultura

GOVERNO DE SANTA CATARINA

